

A POESIA ESTÁ NA RUA

MEMÓRIA(S) DE ABRIL

O PAÍS DE ABRIL
25 ANOS DE ABRIL

**Recolha de testemunhos e opiniões dos alunos e pais de alunos
da Secção Portuguesa da Escola Europeia de Bruxelas
organizada no ano lectivo de 1999 sob a orientação de**

Maria Manuel Pinto Gandra (Prof. PO)

Edições Rocio
2020

<https://sites.google.com/view/edicoesrocio/home>

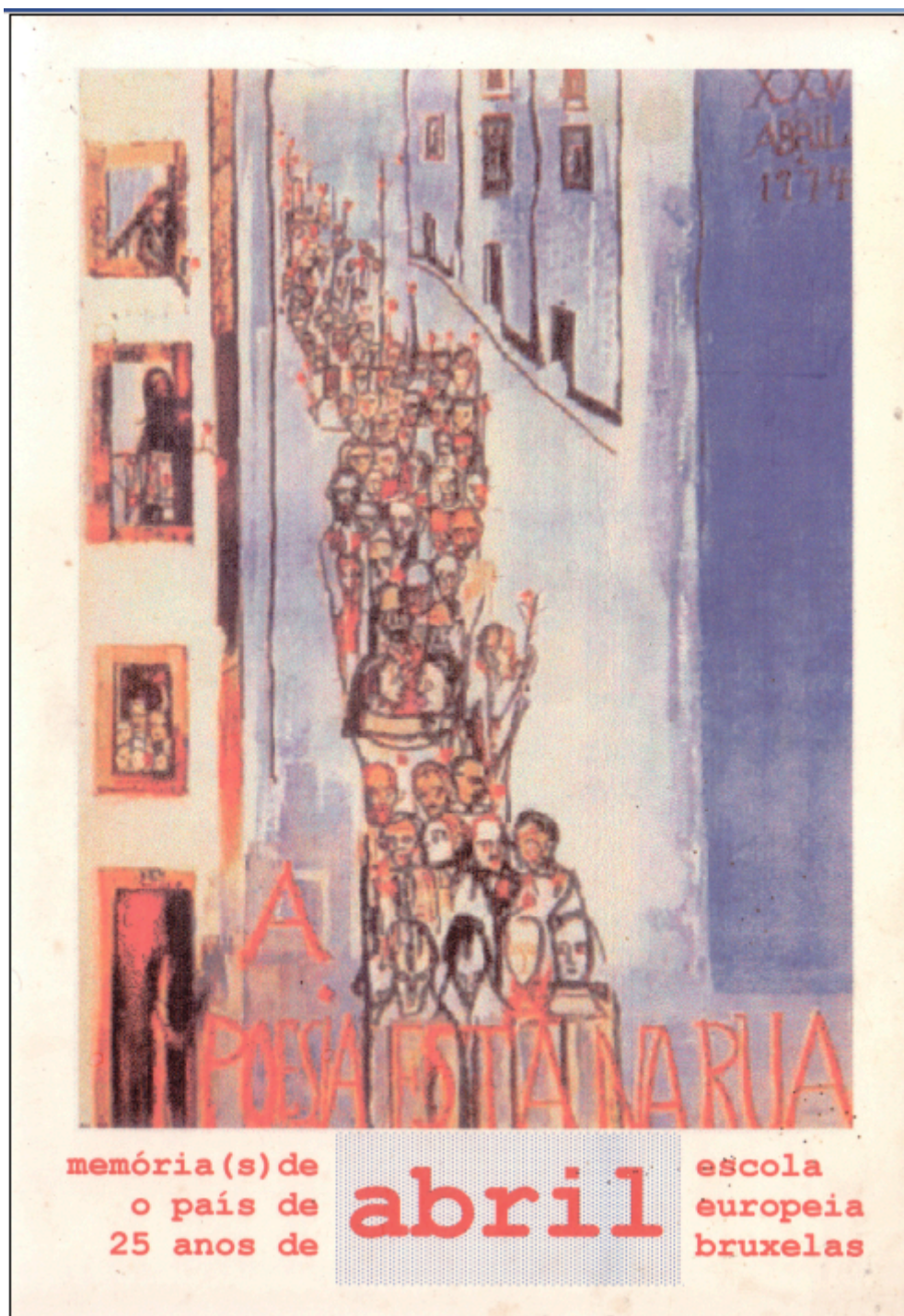
**Reproduzindo a edição em livro de 1999. a presente edição electrónica
é feita para o 25 de Abril de 2020, em plena crise pandémica do Covid 19.
Com ela, as Edições Rocio prestam homenagem a todas as vítimas
e a todos os heróis desta luta no nosso país e em todos os países.**

**Nesta terrível provação, o Povo Português tem dado mais uma vez
provas de unidade e defesa dos elevados valores de uma Vida Digna
que são as bandeiras da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade,
incarnadas, nunca é demais recordá-lo, pela Revolução dos Cravos.**

Ericeira, Romeirão, 22 de Abril de 2020.

**Ângelo Santana Barreto (sempre com)
Helena Leonor Martinho dos Santos**

Capa:





«... mas, para a história daquele dia ficará como imagem dominante o momento em que uma mulher ofereceu o primeiro cravo a um soldado, que o colocou no cano da espingarda.»

**Maria Manuel Pinto Gandra
e os alunos da Secção Portuguesa
da Escola Europeia de Bruxelas**

A POESIA ESTÁ NA RUA

MEMÓRIA(S) DE ABRIL

**O PAÍS DE ABRIL
25 ANOS DE ABRIL**

Testemunhos e Opiniões (1999)

Este livro é o contributo dos alunos do 2º ao 6º ano secundários

**da Secção Portuguesa da Escola Europeia de Bruxelas II
para as comemorações dos 25 anos do 25 de Abril de 1974**

LISTA DOS AUTORES

Maria Manuel Pinto Gandra (Prof. PO)

Ana Maria Campolargo (6° PO)

Joana Marinho (4° PO)

André Baptista Canas (6° PO)

Joana Martins (6° PO)

Tito Silva (4° PO)

Rodrigo Antunes Ferreira (5° PO)

Ana Sofia Rodrigues (2° PO)

Ana Elisa Ferreira (2° PO)

Nelson Chantre (5° PO)

Cristina Marques (5° PO)

Sara Oliveira (5° PO)

Inês Pinto (6° PO)

Mariana Girão (2° PO)

Maria Meneses (6° PO)

Joana Cruz (2° PO)

Ana Gaião (5° PO)

Joana dos Santos Duarte (5° PO)

Maria Assunção (2° PO)

Maria João Carrusca (4° PO)

Hugo Teixeira (6° PO)

Patrícia Almeida (5° PO)

Miguel Miranda (2° PO)

João Guerreiro (4° PO)

Ana Filipa Costa (4° PO)

Margarida Assunção (4° PO)

Mariana Duarte (2° PO)

Cláudio Matos (2° PO)

Filipe Morais (5° PO)

Joana Silva (5° PO)
Vera Condeço (5° PO)
Sofia Ribeiro (4° PO)
Rafael Nogueira (4° PO)
Nuno Marques (5° PO)
Carla Diana Cardoso Guardão (2° PO)
Cristina Costa (6° PO)
Margarida Campolargo (3° PO)
Artur Carvalho (4° PO)
Rita Figueira (5° PO)
Pedro Fernandes (2° PO)
Inês Sá Nabais (5° PO)
Ana Rita (4° PO)
Andreia Costa (2° PO)
Bernardo Amador (2° PO)
Patrícia Sofia Marques Borges (5° PO)
Miguel Matos (5° PO)
António Quina (4° PO)
Inês Abrunhosa (4° PO)
Antonio Guerreiro (5° PO)
Carlos Antunes (4° PO)
Inês Bacelar (5° PO)
Catarina Cunha (5° PO)
Luís Miguel Miranda (4° PO)
Diogo Monteiro (4° PO)
Bruno Miguel Pereira de Castro (3° PO)
Filipe Campos (6° PO)

Na capa: *A Poesia está na rua - XXV de Abril de 1974*, de Vieira da Silva
Capa de: Ângelo Santana Barreto; tema escolhido por M. M. Pinto Gandra.

Fotografia de abertura de Alfredo Cunha, com legenda de Adelino Gomes:
O Dia 25 de Abril de 1974 - 76 Fotografias e um Retrato, Contexto Editora.

Fotografias das páginas 71 a 74: *25 de Abril - 20 Anos*, Edição da Biblioteca-Museu República e Resistência, da Câmara Municipal de Lisboa.

Edição não comercial
Abril de 1999

Edições ROCIO
Av. de l'Equinoxe, 56
1200 Bruxelas
Bélgica

Memória(s) de Abril

Quando surgiu esta recolha, ela tinha apenas dois objectivos ligados à aula de Português e suas finalidades: que os alunos escrevessem e que ouvissem alguns testemunhos — que não o da professora ou outros por ela trazidos — sobre aquele que foi o acontecimento mais relevante da segunda metade do século XX em Portugal. Estamos numa Escola Europeia, em Bruxelas, e é fácil a um jovem esquecer o resto do mundo ou ignorar um passado que constitui a nossa identidade.

Os textos que me foram chegando às mãos revelaram-se tão comoventes, qualquer que fosse o ponto de vista do acontecimento, pela multiplicidade das vivências e a comoção dos relatos, que me lembrei de fazê-los circular, muito despretensiosamente. Porém, o entusiasmo e a cumplicidade de alunos e pais foi dando asas a esta Memória que agora surge em toda a autenticidade e respeito pelos originais e na ordem por que foram surgindo.

Bem hajam todos os alunos e pais que permitiram a matéria desta recolha.

Bem hajam os pais Modesta Campolargo pelo trabalho de dactilografia e, sobretudo, Helena Leonor Martinho dos Santos e Ângelo Santana Barreto que tornaram possível esta(s) Memória(s) de Abril, para que conste contra a usura do tempo.

Abril de 1999

Maria Manuel Pinto Gandra

Quem se lembraria de uma revolução em forma de Cravo Vermelho numa madrugada de Abril?

Um povo que sofreu o antes e vive o depois, construindo, na sua característica forma *florida, pacífica, poética, portuguesa* (como diz no seu testemunho M. M. Pinto Gandra, que sonhou e concretizou estas *Memórias*), o futuro.

E, por vezes, é longe do Oceano que a sua recordação se torna tão viva como as marés da Primavera que o libertou!

Helena Leonor Martinho dos Santos

25 de Abril

Raio de Sol,
Fio de Lua,
Um gesto nervoso,
Ansiedade crua.

Uma canção proibida,

Um hino de alegria,
O sinal desejado,
Prometido um dia.

Emoção desmedida,
Tristeza vencida,
Esperança que pensavam
Há muito perdida.

Paixões acesas,
Vida renascida,
Promessas antigas,
Finalmente cumpridas.

Uma árvore a nascer,
Uma criança a crescer
Uma árvore a florir,
A Liberdade a vencer

Ana Maria Campolargo (6º PO)

Como viveste o dia 25 de Abril?

Após a chuva vem o sol, não é?...

«Era uma manhã cinzenta, chuviscava um pouco; como diz o povo, *chuva molha parvos*.

Eu fui de São Pedro do Estoril para Lisboa, como todos; tinha 15 anos e tinha de ir para a escola. As pessoas liam atentamente os jornais, pois as notícias eram confusas. Comprei o *Diário de Notícias* e li as notícias durante

a viagem de comboio para Lisboa. Desci em Santos e apanhei o eléctrico 25 para a Estrela. Na altura estudava no Liceu Normal Pedro Nunes, na Avenida Álvares Cabral.

À porta do liceu todos os rapazes gritavam: *Não há aulas! Não há aulas! Caiu o governo fascista!!!* No fundo, os rapazes da minha idade não tinham entendido bem o que se estava a passar. Mas antes, no recreio, tínhamos sido perseguidos por uns tipos vestidos de preto que diziam pertencer à DGS. Lembro-me que, nesse dia, tão irreverente era que, quando atravessávamos o Jardim da Estrela, eu gritava: *Abaixo Salazar! Abaixo o Governo de Marcelo Caetano!* e outras tantas coisas. Acho que era simplesmente *do contra*.

Voltemos ao dia 25 de Abril: do liceu dirigi-me ao Largo do Carmo, Rua António Maria Cardoso, atrás do povo e dos militares, que estavam bastante apreensivos e atónitos: fizeram um golpe militar em forma de protesto contra a guerra colonial e, *sem saber ler nem escrever*, derrubaram um governo fascista que praticamente não ofereceu nenhuma resistência.

Foi um dia muito belo e que acabou muito bem. *Após a chuva vem o sol, não é?...»*

Entrevista feita a meu pai João Jorge Pinto Marinho da Silva
Joana Marinho (4º PO)

***Grândola, Vila Morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade!***

Nesse vigésimo quinto dia do mês de Abril de mil novecentos e setenta e quatro, nas duas primeiras horas da madrugada, passou no Rádio Clube

Português a famosa música de Zeca Afonso para avisar as Forças Armadas para saírem dos quartéis com destinos bem designados.

José Morais Canas, na altura um jovem com 21 anos e estudante na Universidade, recorda que seu pai lhe telefonou às cinco da manhã para o avisar que havia na Praça do Comércio movimentação de tanques e veículos militares. Este, surpreendido com a informação que seu pai lhe dera, ficou na dúvida sobre a corrente ideológica (ditadura militar ou democracia) a que esse movimento de tropas pertencia.

José Canas passou parte da manhã a ouvir a rádio para saber mais sobre o golpe, e rapidamente percebeu que o regime ditatorial estava a desaparecer, pelos comunicados do Movimento das Forças Armadas, que iam dando conhecimento da evolução da situação.

Ao meio da manhã, juntou-se com outros colegas em frente do quartel da Legião Portuguesa, na Penha de França (local interessante que mais perto de sua casa estava) e foi apoiar as tropas que cercavam o quartel. De seguida, assistiu à entrada das tropas nesse quartel.

Ao fim da tarde e à noite passeou pela Baixa, onde havia muito movimento e animação, mas, relembra José Canas, *nós não estávamos completamente à vontade por causa do receio de um contragolpe que virasse a situação e que provocasse uma guerra civil.*

Nos dias seguintes, na Faculdade, houve os preparativos para a manifestação do 1º de Maio.

José Canas acrescenta que, durante todo o dia, o seu estado de espírito era o de obter o máximo de informações e o de participar no movimento popular, movimento esse que foi importantíssimo e que era o de apoiar as Forças Armadas, o papel mais importante que os lisboetas tinham a cumprir.

Finaliza o seu discurso apresentando os seus motivos de satisfação: *O fim de um regime de ditadura era a nossa ideia principal; o fim da polícia*

política e da censura eram abolições muito esperadas. Muito importante foi o alívio por ser anunciada a vontade de pôr fim à guerra colonial.

André Baptista Canas (6º PO)

Lembranças do 25 de Abril

25 de Abril de 1974, dia do derrube de 40 anos de ditadura em Portugal. Um dia marcado na memória dos Portugueses como o dia da liberdade e da abertura para a democracia.

«Eram 8 horas da manhã, quando acordei ao som da notícia de que Lisboa estava cheia de militares e tanques, recomendando ao povo para ter calma e não sair à rua, seguida da música *Grândola, Vila Morena* de Zeca Afonso. O meu marido queria ir trabalhar, eu estava cheia de receio e medo, mas acabei por convencê-lo a ficar em casa comigo e com as nossas três filhas que também não tinham ido para o liceu.

A Televisão e as Rádios foram tomadas pelos *Capitães de Abril*. Passámos o resto da manhã a ouvir os relatos na televisão e na rádio, até que, por volta das 2 horas da tarde, foi anunciada a prisão do chefe do governo (Marcelo Caetano), no quartel do Carmo em Lisboa, pelo Capitão Salgueiro Maia. Visto que morávamos ao lado do quartel de Oeiras e que tínhamos receio de sair de casa, ao ver que na nossa zona tudo estava calmo, fui às compras para me abastecer...

De volta a casa, continuámos a ouvir as notícias até ao fim do dia, e soubemos que tinha sido formada uma Junta de Salvação Nacional pelas Forças Armadas.»

E, numa província ultramarina...

«Quando se deu o 25 de Abril, eu tinha 15 anos e encontrava-me em Luanda. Como se percebe, nessa idade não se tem a noção das questões políticas. Só um ano mais tarde, com a politização em massa é que me apercebi do que era a política.

Como é do conhecimento geral, a seguir ao 25 de Abril deu-se o processo de descolonização. Ao aplicar-se esse processo em Angola, formaram-se três movimentos de libertação (MPLA, FNLA e UNITA) que fizeram parte dos Acordos de Alvor. Só que esses movimentos não respeitaram o que assinaram, provocando uma guerra civil, razão da minha fuga súbita e dos meus pais, em Setembro de 75, para Portugal.»

Joana Martins (6º PO)

A Revolução dos Cravos

O dia 25 de Abril foi, para quem me contou, um dos mais belos dias que tinha vivido.

«Acordei de manhã, mergulhado no fabuloso tom da bela canção de José Afonso *Grândola, Vila Morena*, que passava na rádio. Aproximei-me da janela, cantando ao som da música que bem conhecia, e vi uma multidão de gente seguindo um grupo de jovens soldados pelo grandioso Rossio adentro.

Vesti-me a correr, desci as escadas, abri a porta da entrada, inspirando profundamente o odor da Pátria que acalma qualquer espírito português, e fui para a rua, dissolver-me na imensa multidão, perguntando o que se passava a quem melhor conhecia, embora fosse difícil encontrar alguém naquele oceano de portugueses.

Pus-me a gritar, em coro com uma boa parte da multidão, a rima que nunca mais largou a alma dos verdadeiros portugueses que amam a Pátria e queriam a liberdade: *O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO!* Este verso, ao sair das nossas bocas, enchia-nos ainda mais a alma de vontade de ser livre e o coração de alegria. Dos meus olhos, chegaram a cair um ou dois pares de lágrimas alegres, forçando-me a avançar, a ir para a frente, a gritar ainda mais alto e a pedir a liberdade com tal vontade que o grupo que se me juntou parecia um só gigante, o Gigante Adamastor, cheio de cabeças e membros. Pouco depois recebi um cravo, que guardei preciosamente no bolso da camisa, o que me toca no coração.

Depois, continuei entre a euforia, descortinando buracos de alegria para poder passar, de maneira a obter um lugar onde o meu fabuloso poder de vontade de obter a liberdade para sempre fosse partilhado e apreciado por todos.

O resto do dia passei-o em casa, exausto, a ver na televisão o que continuava a suceder, acompanhado pelos meus colegas e amigos, conversando animadamente. Ao anoitecer, já sozinho em casa, fui para a varanda, inspirar a fresca brisa da noite, que transportava consigo a glória portuguesa, e vi o fogo de artifício, que me pareceu o mais belo e comovente de todos.

Deitei-me transbordante de alegria por pertencer a um povo tão sereno e agradei a Deus, protector dos Portugueses, por não ter havido mortos naquele dia.

Adormeci pouco depois a olhar para o cravo que tinha posto num pequeno copo e a pensar na majestosa *Revolução dos Cravos*, que só apreciou realmente o verdadeiro Português...»

Tito Silva (4º PO)

Depoimento sobre o 25 de Abril

O tema da revolta em Lisboa não passava de conversa de café em Luanda...

«25 de Abril de 1974 em Luanda. De manhã, tinha ido ao dentista; trabalhava no norte de Angola. Cheguei à tarde a casa do meu pai, em Luanda, e ao fim da tarde ele disse: Parece que houve uma revolução em Lisboa. Não se falou mais nisso, jantámos e fomos ao cinema.

Nada nos dava a entender que tinha havido um golpe de Estado em Lisboa. Foi só no dia 26 de Abril que tivemos a certeza de que tinha havido um golpe de Estado. Os revoltosos tinham deposto Marcelo Caetano e tinham nomeado o General António de Spínola Presidente da Junta de Salvação Nacional.

Voltei para o norte de Angola. No dia 27 de Abril, todos os meus amigos me perguntaram qual tinha sido a reacção das pessoas em Luanda. Respondi: O tema da revolta em Lisboa não passava de conversa de café em Luanda. Mas já alguns espíritos mais elucidados alertavam para a catástrofe que se iria verificar um ano depois.

Essa catástrofe foi a morte, o sofrimento, a humilhação e o despojamento de milhares de compatriotas que estupidamente acreditavam que Portugal ia do Minho a Timor.»

Depoimento de Rui Acácio Mira Ferreira
Escrito por Rodrigo Antunes Ferreira (5º PO)

O dia 25 de Abril de 1974

Soube que tinha havido uma revolução na aula de Física.

«Em 1974, eu estava no 5º ano do liceu, em Vila Nova de Gaia. De manhã tudo se passou normalmente. Soube que tinha havido uma revolução por volta das 10h30, na aula de Física. Mandaram evacuar o liceu e fui para casa. À saída, um amigo meu começou a falar mal do Salazar e do Regime. Ficámos todos assustados.

Já em casa, juntou-se um grupo de vizinhos na rua a ouvir no rádio os comunicados do MFA (Movimento das Forças Armadas).

A minha mãe estava muito preocupada porque o meu pai trabalhava no Porto e dizia-se que as ligações entre Vila Nova de Gaia e o Porto tinham sido cortadas por causa do R.A.S.P. À hora do almoço, o meu pai chegou a casa, a pé, porque não havia transportes públicos e passámos o resto do dia a ouvir as notícias no rádio e na televisão.»

Entrevista de Ana Sofia Rodrigues (2º PO)
a Maria José Rodrigues

Testemunhos sobre o 25 de Abril

Mãe: *Venham todos, saiam das aulas! Houve uma revolução...*

«Em 25 de Abril de 1974 tinha quinze anos. Vivia então na Guarda, onde frequentava o Liceu Nacional (agora Afonso de Albuquerque) numa turma do 6º (agora 11º). Como de costume, a avó com quem vivia ligava o rádio às sete horas da manhã, e nesse dia havia qualquer coisa que não era normal e ela recomendou-me que ficasse em casa. Tal não aconteceu, pois fui para o liceu e as aulas começaram. Aí por volta das dez da manhã, estava eu na

aula de Geografia, quando, de repente, no pátio da escola um grupo de alunos gritou: *Venham todos, saiam das aulas! Houve uma revolução, venham!* Ninguém ousava sair da sala, mas era tal a barulheira e os rogos, gerou-se uma tal confusão, que lá fomos para a rua...

Se a memória não me falha, de volta a casa ouviram-se as notícias na rádio e aguardou-se...

Para mim, este dia foi como um dia mágico, uma porta aberta para o conhecimento e a descoberta de um mundo que estava velado e vedado até então.»

Pai: *Não há dúvida que aquela foi uma quinta-feira especial...*

«O dia 25 de Abril de 1974 era uma quinta-feira especial. A excursão dos alunos do 5º ano começava às oito horas da manhã, e o regresso à Guarda só estava previsto para o Domingo seguinte. Depois de tudo estar pronto, os autocarros iniciaram a viagem que nos devia levar até Lisboa, com uma primeira paragem em Coimbra, para almoçar. Foi aí que soube pelo empregado de um restaurante que tinha havido um golpe de Estado. Claro que, com muita excitação à mistura, a excursão foi anulada e toda a gente voltou para casa. Como as estradas eram diferentes naquele tempo, só quase à noite chegámos à Guarda, onde os nossos pais nos esperavam inquietos. Uma vez que passei o dia a andar de autocarro, as celebrações só começaram para mim no dia seguinte. Mas não há dúvida que aquela foi uma quinta-feira especial.

E, a propósito, ainda tenho o disco que comprei em Coimbra naquele dia...»

Ana Elisa Ferreira (2º PO)

Depoimento sobre o 25 de Abril

Este é o depoimento da minha tia; tomei, porém, a liberdade de o escrever na 1ª pessoa.

«Eu tinha chegado a Portugal em Outubro-Novembro de 1973 para estudar Medicina na Universidade de Lisboa, pois eu nasci em Mindelo, na Ilha de São Vicente, em Cabo Verde e, por conseguinte, não conhecia a Metrópole.

A *Revolução dos Cravos* era um acontecimento inesperado, inesperado. Houve aquela enorme manifestação do povo de Lisboa, nas ruas... Contudo, segui os acontecimentos de longe, pela rádio e pelos jornais. Tinha um certo temor, pois a revolução podia não resultar e, nesse caso, haveria risco de repressão. Mantive-me, portanto, pouco activa.

O acontecimento tinha, decerto, despertado em mim curiosidade: quais seriam as transformações futuras que haveriam de ocorrer?

Hoje já tenho a resposta a essa pergunta, e confesso que não me apercebi imediatamente do impacto que a *Revolução dos Cravos* haveria de ter sobre a minha existência.»

Nelson Chantre (5º PO)

Testemunho sobre o 25 de Abril

...Viva a liberdade! ...Vai começar a guerra!

«Nesse dia levanto-me como todas as manhãs, muito cedo, para ter tempo de me preparar e chegar à escola, pois vivo numa aldeia onde não há escola secundária e todas as manhãs tenho de andar uma hora a pé.

Chamo-me Cidalina, tenho 14 anos e um irmão mais velho que me acompanha todas as manhãs até à escola. Neste dia, quando lá chegamos, reparamos que a mota da professora não está à frente da escola, pensamos que ela estivesse doente e resolvemos voltar para casa.

Ao regressarmos a casa, ignorando tudo o que se passava em Lisboa, fomos ajudar os nossos pais no campo. Passadas algumas horas, ouvimos tocar os sinos, juntamo-nos todos à frente da igreja e uma pessoa anuncia-nos o início da revolução. As pessoas entram em pânico. Os jovens gritam: *Viva a liberdade!* e os mais idosos dizem tristemente: *Vai começar a guerra!* Depois, cada um regressa aos seus respectivos trabalhos.

E assim se passa o meu dia do *25 de Abril*, sem me aperceber do que este dia irá significar para o futuro dos Portugueses.»

Cristina Marques (5º PO)

O que eu não daria para estar em Lisboa neste momento...

«Dia 25 de Abril de 1974. Caminho para a escola. Sou apenas uma jovem de 16 anos como tantas outras no mundo. A minha vida é insignificante e este dia... vai ser mais um dia banal, numa escola banal num país banal.

Ao meu lado caminha o meu irmão. Ainda é novinho, só tem 13 anos, ignora por completo os problemas da vida. Vou-lhe dizer que continue o caminho sozinho, que preciso de descansar um pouco. As palavras saem-me da boca mecanicamente. Vejo-o afastar-se com o olhar triste,

como se partilhasse a minha dor, o meu sofrimento. Mas que sofrimento é este afinal?

Encosto-me ao muro. Um muro banal e sem graça. Um muro parecido com os dias que passam, banais e sem graça. Quem se lembraria de nós, pobres habitantes da parte Oeste da Península Ibérica? No entanto existimos, e apetece-me gritar ao mundo isto mesmo: *Existimos!!!*

Sem querer, fi-lo sem querer. O meu desejo tornou-se realidade: gritei. Vejo que todos me encaram como se me tivesse escapado de um hospício.

Olho para o relógio. Já é tarde e vou ter de correr para não chegar atrasada... O dia não me podia estar a correr pior! Corro, pois, visto não haver outra solução.

Porém, sou obrigada a parar: um rapaz loiro corre na minha direcção... quem será?! Oh, é apenas o meu irmão! Sou míope como muita gente, mais uma característica banal! Mas... ele já devia estar na escola. Aproxima-se, ofegante. Peço-lhe tranquilamente que se acalme, que se explique. A escola está fechada. *Uma revolução?! Ir para casa?!* Insisto. Não acredito muito nesta versão dos factos. Mas ele volta a repetir. Vamos, pois, para casa.

Deus queira que ele tenha razão, que seja a Revolução!

Corro para avisar a mãe. A casa é já ali! Abro a porta e encontro a minha mãe na cozinha. Diz-me que toda a gente fala da revolução. Os acontecimentos chocam-se na minha cabeça e, de repente, lembro-me: a *canção!*... A canção que ouvi na rádio antes de ir para o liceu, a canção proibida! O pai bem falou num golpe de Estado!

A Revolução... Não consigo captar todos os acontecimentos, mas percebi o essencial. *VIVA A LIBERDADE!!!*

A mãe liga o rádio e as notícias são confirmadas. O que eu não daria para estar em Lisboa neste momento...»

Sara Oliveira (5° PO)

A Revolução dos Cravos

Uma madrugada... Submersa,
talvez. A Liberdade emergia,
os cravos nas armas, o Povo sorria...

Uma manhã... Um descanso,
um desejo conquistado. Gente na rua,
uma canção na rádio.

Uma tarde... Não há sangue
derramado, o Regime abaixo está deitado.
E Zeca, Adriano e muitos cantam:
Portugal foi libertado!

Uma noite... O sonho acontecia.
Presos pela liberdade e sorrindo, o Povo dormia.

Um quarto de século depois:
Liberdade de Expressão, Liberdade de Movimento,
Liberdade de Acção, Liberdade de Consciência,
Liberdade de Informação...
Quotidiano. Vida.

Inês Pinto (6° PO)
(Poema da contracapa)

***Depois fui seguindo as movimentações
que foram até à PIDE, onde havia tiroteio...***

«Como todas as manhãs, saí de minha casa por volta das oito para ir para a estação de Cascais, onde costumava apanhar o comboio para o Cais do Sodré para ir ter ao Instituto Superior Técnico, onde estudava nessa altura.

Quando cheguei ao Cais do Sodré, estava tudo rodeado de soldados que aconselhavam as pessoas a voltarem para casa, porque nesse dia não havia nem aulas nem emprego. Muitas pessoas foram-se embora, mas eu fiquei lá e acabei por passar a barreira dos soldados.

Logo que saí do Cais do Sodré, soube que estava a haver uma revolução dos capitães para destituir o governo de Marcelo Caetano. A maior parte das pessoas foi para onde havia movimento de pessoas e soldados.

Depois fui seguindo as movimentações que foram até á PIDE, onde se estavam a render os Pides e onde havia tiroteio. Em seguida fomos até ao Rossio e continuámos a seguir os soldados. Estava tudo fechado e a quantidade de multidão na rua era inacreditável.»

Mariana Girão (2º PO)

25 de Abril

O povo aderiu, emocionado, não houve confrontos...

Na noite de 24 para 25 de Abril, estava o meu pai a dormir em casa. Vivia ele então com os meus avós, na Casa de Miraflores.

O meu tio Fernando, irmão do meu pai, que trabalhava, na altura, no Rádio Clube Português, telefonou de madrugada a dizer que as instalações tinham sido ocupadas por tropas e que ninguém sabia ao certo o que se estava a passar.

Lá em casa já ninguém se deitou. Ficaram a ouvir as notícias e, assim que o supermercado abriu, a minha avó foi comprar tudo o que pôde: conservas, garrafas de água, pão, etc. Pensavam que ia haver uma guerra civil e que, se calhar, teriam de passar uns dias sem ir à rua.

Ao meio do dia, no entanto, tudo estava esclarecido. Os militares tinham capturado os principais responsáveis pelo regime que nos dominava. O povo aderiu, emocionado, não houve confrontos. Meu pai, que estava na iminência de entrar para a tropa, o mais provável era já não ter de fazer a guerra em África, o que o encheu de satisfação.

Ao princípio da noite, a Junta de Salvação Nacional — o grupo de militares que assumiu o poder — veio confirmar que Portugal passava a ser uma democracia e que seria encontrada uma solução pacífica para acabar com a guerra colonial.

A partir daí, o meu pai já não tem uma ideia muito clara do que fez nessa noite e nos dias seguintes. Lembra-se de que aulas não havia. Andavam todos felizes e satisfeitos e não se falava obviamente de outra coisa. Todos os dias havia manifestações de apoio à Revolução. Em todo o caso, ainda tem guardadas centenas de fotografias que tirou nessa altura e que vê e recorda com gosto.

Maria Meneses (6º PO)

Testemunhos de Abril

Mãe: *Os meninos da minha idade diziam que éramos livres e podíamos fazer tudo o que quiséssemos...*

«No dia 25 de Abril de 1974 tinha sete anos. Como era muito pequena, não me lembro muito bem o que se passou, nem quem mo disse, apenas me lembro de ouvir: *Há uma revolução em Lisboa e andam todos aos tiros*, e é isso que me vem memória quando penso no dia 25 de Abril de 1974, apesar de agora saber que na Revolução não houve mortos.

Como todas as crianças de sete anos, não me interessavam os telejornais, nem as conversas que os adultos tinham sobre a revolução, e o que os meninos da minha idade diziam era apenas que éramos livres e podíamos fazer tudo o que quiséssemos.»

Pai: *Ainda não sabia o que se passava, mas que havia alguma coisa estranha era certo...*

«Estava um dia de muito sol! Andava no 4º ano do liceu, e nesse dia levantei-me por volta das 11 horas para ir às aulas da parte da tarde. Como em alguns liceus daquele tempo, os rapazes estavam separados das raparigas, mas no dia 25 de Abril de 1974, para meu grande espanto, estavam todos juntos.

Ainda não sabia o que se passava, mas que havia alguma coisa estranha era certo. Todos os alunos andavam pelos corredores, não havia aulas, ouvia-se música em altos berros e muitos fumavam, o que era proibido. Havia uma euforia enorme, toda a gente gritava que tinha havido uma revolução em Lisboa, que os militares tinham tomado o poder e que éramos livres de fazer o que quiséssemos.

Foi um momento de certa forma estranho e confuso para quem sabia muito pouco de política e nunca havia conhecido uma situação idêntica. Nos dias que se seguiram à Revolução houve bastantes reuniões de alunos, greves às aulas e muitos mais problemas.»

Joana Cruz (2º PO)

Num primeiro tempo, a alegria inundou-nos

«O dia 25 de Abril de 74 decorreu como um dia normal num atelier de arquitectura em Lourenço Marques entre alçados e plantas. Na tarde do dia seguinte, um contacto telefónico fazia chegar a breve notícia sem grandes precisões de que em Lisboa houvera uma revolução.

Num primeiro tempo, a alegria inundou-nos, imediatamente seguida pela incerteza do que poderiam vir a ser as consequências desta queda do Regime. Seria longo, exaustivo e incompleto o relato do que veio a ser para os portugueses de raça branca o pós-25 de Abril na colónia portuguesa de Moçambique.

Como autóctone, cresci com moçambicanos de todas as cores, acreditando que esse factor não nos diferenciava. Após os acontecimentos de 9 de Setembro, com a tomada da Rádio Moçambicana, uma onda de racismo levou-me dia após dia a não acreditar que homens diferentes podiam ser irmãos — tal realidade veio a obrigar-me, a mim e a toda a família, amigos e conhecidos, a deixar a minha terra natal para algures recomeçar uma nova vida sem condições.»

Ana Gaião (5º PO)

A Revolução dos Cravos

Bem vindos a Portugal!

Pedi à minha mãe que me contasse o que foi para ela o 25 de Abril. «Só falado...», respondeu. Eis o que ela gravou:

«No dia 25 de Abril, encontrava-me em Paris. Em 1970, após algumas semanas de apertada vigilância de um zeloso funcionário da PIDE, situações de perigo e prisão de alguns amigos e companheiros, decidira que era melhor afastar-me por algum tempo...

Nessa manhã, quando cheguei ao emprego, um colega que tinha ouvido o noticiário disse-me que houvera um golpe de Estado militar durante a noite em Portugal. Pensei imediatamente que se tratava de um golpe de extrema direita, feito por alguns saudosistas de Salazar que consideravam o governo de Marcelo Caetano muito liberal... Telefonei para a minha família em Lisboa para saber se estavam bem e se tinham notícias mais concretas, mas ninguém me sabia dizer ao certo qual era a situação.

Fui então para a Cidade Universitária onde tinha amigos e onde podíamos captar as emissoras portuguesas. Conseguimos ouvir o comunicado do MFA e à noite tínhamos já a certeza de que era um golpe para derrubar o regime fascista.

Decidi partir para Lisboa. Apanhei o Sud Express, o primeiro comboio que saiu de Paris repleto de exilados e de esperança. Como os rapazes, devido à sua situação militar, corriam grandes perigos, decidimos que as raparigas veriam primeiro na fronteira como as coisas se apresentavam.

O posto fronteiriço de Vilar Formoso estava cheio de soldados armados. Porém, e decerto pela primeira vez na História, da ponta dos canos floriam

cravos vermelhos e não saíam balas. Perguntámos se podíamos regressar sem medo, embora muitos de nós não tivéssemos documentos. A resposta, inesquecível, foi: *BEM VINDOS A PORTUGAL...*

Chegados a Santa Apolónia, fomos recebidos por mais soldados e algumas pessoas que ali se encontravam e, no meio de vivas ao MFA, abraços e lágrimas, fomos transportados pelos soldados em camiões da tropa para o Rossio.

A praça estava repleta de gente que falava de tudo e de nada, discutia política, ria e chorava, e abraçava os soldados. Havia um ar de festa e de fraternidade. Os soldados distribuíram-nos maços de tabaco que lhes tinham sido dados pela população e pagaram-nos sandes e cafés, pois desde a partida de Paris que não comíamos nada.

Os dias que se seguiram e que culminaram com o 1º de Maio são impossíveis de contar. A festa permanente mostrava a fome que a população tinha de se exprimir, de sair à rua para participar em tudo e sentir que podia decidir do seu destino. Durante aqueles dias, confirmei o sentimento de que o povo português esperava ansiosamente aquele momento e que apenas o medo da repressão o obrigara a viver 40 anos de silêncio e opressão.

No dia 1 de Maio, cerca de 200 mil pessoas de todas as tendências reuniram-se para comemorar e ouvir livremente os discursos de dirigentes políticos regressados do exílio.

Entretanto, deu-se um dos acontecimentos mais emocionantes desses dias: as portas das prisões políticas abriram-se e delas saíram homens e mulheres que haviam dedicado a vida à luta pela liberdade de todos, dando lugar aos Pides, os mais cruéis executantes do fascismo.

Dizia-se que em cada família portuguesa havia um preso político, um exilado, um desertor ou um soldado nas colónias. Talvez por isso de um golpe de Estado militar, o 25 de Abril se tenha transformado em poucas

horas numa verdadeira revolução popular, com a total e imediata adesão da população.

Gostaria de me referir brevemente à guerra colonial, motivo próximo da revolta dos Capitães de Abril.

A juventude portuguesa já não queria morrer e matar por um ideal colonialista que não lhe dizia respeito. Efectivamente, oprimir povos que lutam pela sua liberdade nada tem de exaltante ou sublime, ao contrário do que a propaganda fascista nos ensinava.

Refugiados no estrangeiro havia mais de 100.000 jovens que se tinham recusado a partir para uma guerra que destruía toda uma geração. Outros partiam para África por motivos vários, mas muitos juntavam-se aos movimentos de libertação das colónias, levando com eles as armas que podiam.

Portugal era o último Império colonial, glória ultrapassada e decadente que já não correspondia aos anseios de modernidade e democracia da nova era e das novas gerações.

Além disso, parasita das colónias e das classes desfavorecidas, a classe dominante adormecia à sombra das riquezas acumuladas sem fazer progredir o país: Portugal era um país subdesenvolvido, solitário, isolado, obscuro, analfabeto, sem projecção mundial, com uma classe dominante ignorante, fanfarrona e arrogante. Os Portugueses eram conhecidos no estrangeiro como exilados ou emigrantes, ambos fugidos do obscurantismo e da miséria política e económica.

O primeiro Estado-nação da Europa, cheio de gloriosas memórias do passado, não tinha voz em parte nenhuma, vivia rodeado de um muro de silêncio e escuridão!

Assim, o 25 de Abril era urgente e inevitável. O seu maior mérito foi ter sido mais do que um golpe militar e ter-se transformado numa revolução popular sem sangue nem vinganças: a *Revolução dos Cravos*.

Passados os momentos de euforia, foi preciso reorganizar as estruturas políticas e económicas. Não me compete fazer aqui a crítica dos acontecimentos pós-25 de Abril. Em todas as revoluções há acontecimentos magníficos e heróicos e há também acontecimentos que podem degenerar, actos e desejos que deturpam o ideal revolucionário. Os historiadores encarregar-se-ão de contar a história com muito mais objectividade e competência do que eu.

Desejo apenas prestar homenagem ao povo português pela sua lucidez nos momentos em que a primeira revolução não sangrenta da História se poderia ter transformado numa guerra civil e de vinganças vãs.

Desde o próprio dia 25 de Abril, em que a sua presença foi importante para dissuadir alguns fiéis ao regime de resistir e provocar uma catástrofe, até à formação do sistema democrático, numa caminhada cheia de armadilhas e vontades expressas ou escondidas de outros poderes totalitários, a população actuou sempre como elemento de estabilidade.

Presto igualmente homenagem aos jovens Capitães de Abril e a tantos soldados cujo nome nos é desconhecido, por terem preferido arriscar a vida pelo seu próprio povo e por outros povos do que pelos interesses retrógrados do governo e de alguns privilegiados. E arriscaram-na muito. Se algo tivesse corrido mal, esperava-os mais do que a simples prisão...

A eles devemos as armas que nos faltavam, a organização, a coragem e o amor a um Portugal moderno, livre, reconhecido e dignamente integrado no resto do mundo.

Presto igualmente homenagem a todos os presos políticos e homens e mulheres que lutaram e lutam contra todas as formas de opressão. Quero ainda referir os meus amigos pessoais que não tiveram como eu a sorte de

partir. Julgada à revelia, tive uma pena de 8 anos de prisão mas não a sofri. Outros companheiros foram presos, torturados e julgados e tiveram penas extremamente pesadas.

Permito-me igualmente mencionar a minha mãe, que me escrevia, com um código só de nós conhecido, dando-me os nomes e penas de prisão de amigos e conhecidos, e notícias que pensava importantes para mim; que ia a Caxias visitar amigos meus muito próximos aos quais levava tabaco e bolos e que assistiu à sua libertação... e que se sentava depois no Rossio a discutir connosco do novo futuro de Portugal e do nosso.

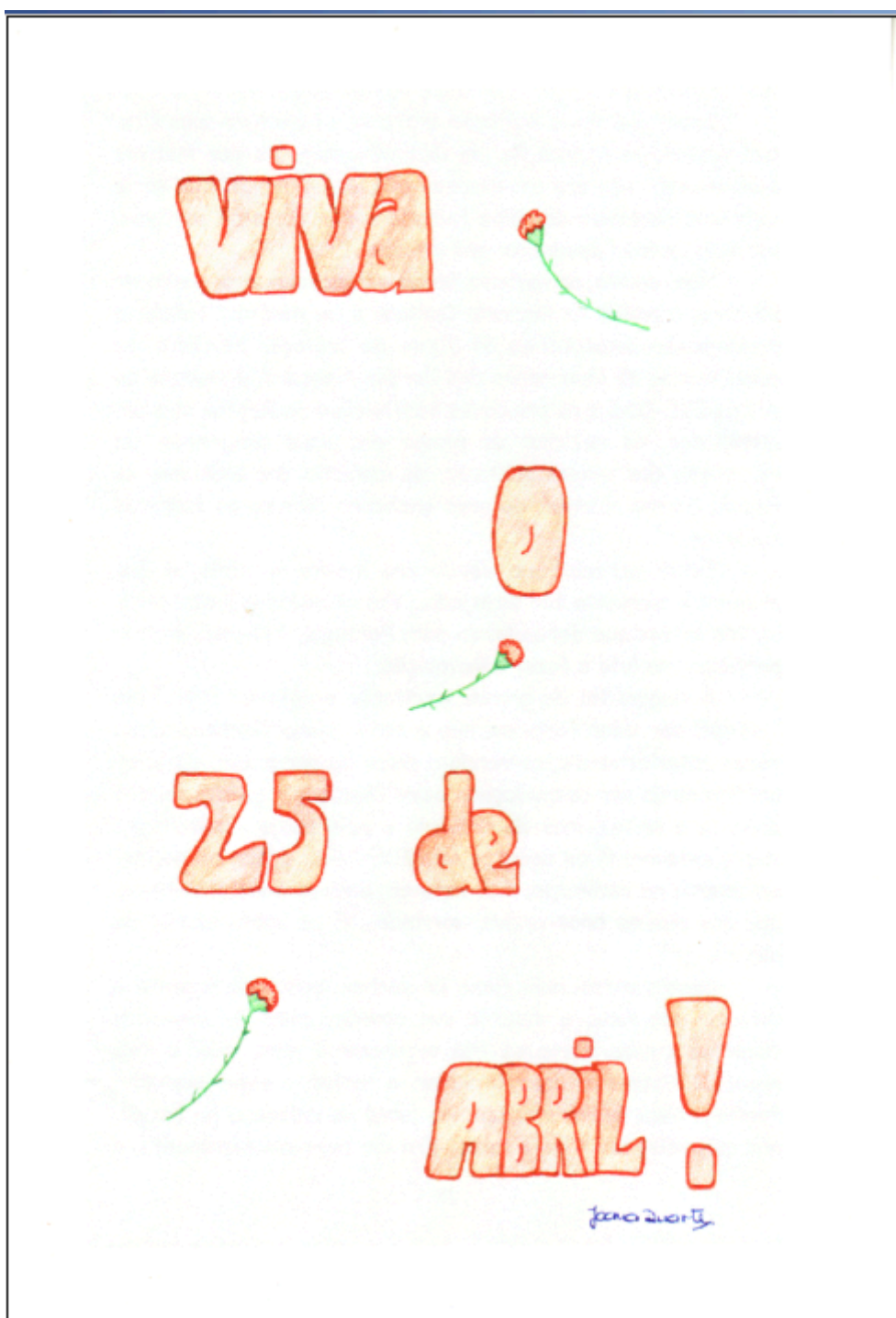
Antes e depois

Antes da Revolução dos Cravos era proibido exercer os direitos mais elementares, mesmo em pensamento.

Depois da revolução, é hoje. Ainda há muito que construir, pois os traumas, vícios e perigos da ditadura e do passado não existem apenas na memória de quem os viveu: ficam na memória dos povos, cujo comportamento se transmite ao longo dos tempos. 25 anos é muito pouco ainda.

Compete às novas gerações ser vigilante para que não voltem a construir-se, mesmo disfarçados, os muros da vergonha, do racismo, da intolerância, da opressão e do obscurantismo que atacaram e atacam o nosso século...»

Testemunho de Helena Leonor Martinho dos Santos
Transcrito por Joana dos Santos Duarte (5º PO)



A Revolução continua...

«A minha filha Joana pede-me que lhe faça um depoimento sobre o 25 de Abril... Onde é que eu estava, como é que o vivi, o que representou para mim... Passados 25 anos, vou tentar contar a «minha» Revolução de Abril...

Como vivi o 25 de Abril

Em 1974, tinha 23 anos e estava em Paris. Pertencia a uma das várias organizações revolucionárias que se opunham ao regime fascista. Fugira de Portugal para não fazer a guerra, mas preparava-me para regressar a Portugal, a fim de prosseguir a luta na clandestinidade.

Tinha fé que o nosso povo acabaria por derrubar o regime, mas nunca me ocorreu que pudesse ser tão depressa. Assim, quando, naquela manhã de Abril, me vieram dizer que havia uma revolução em Portugal, não acreditei. Era lá possível! Então a revolução agora fazia-se assim, de um dia para o outro?

Sabia que havia agitação entre os oficiais do exército, mas tratava-se apenas de um descontentamento por motivos profissionais, não era um movimento político. Pensei que seria mais uma tentativa de golpe falhada e que, como de costume, iria mais pessoal apodrecer nas prisões...

Mas, depois, as notícias foram-se sucedendo: a queda do Governo, a prisão de Marcelo Caetano e de Américo Tomás, a proclamação democrática da Junta de Salvação Nacional, os comunicados do Movimento das Forças Armadas, o anúncio de que a PIDE-DGS e as principais instituições do Regime iam ser dissolvidas, as notícias da prisão dos seus dirigentes, da libertação dos presos políticos, da amnistia dos exilados, do fim da guerra colonial, do povo enchendo as ruas ao lado dos militares...

Então percebi que *aquilo* era mesmo a sério, e que chegara o momento tão desejado... Fiz as malas e juntei-me a tantos outros que debandavam para Portugal, à pressa, para ir participar na luta e fazer a Revolução...

A viagem foi de grande excitação e euforia. Entrei em Portugal por Vilar Formoso, não *a salto* (como fizera algumas vezes anteriormente, correndo o risco de ser preso, de levar um tiro ou de ser despedaçado pelos cães que a guarda soltava durante a noite), mas de comboio e pelo posto fronteiriço... Ainda estavam lá os agentes da PIDE-DGS, e isso causou-me um aperto no estômago, mas estavam enquadrados pela tropa, que nos deu as boas-vindas, sorrindo... E eu quase chorei de alegria...

Depois entrei num filme de sonhos, com toda a gente a discutir nas ruas, a dizer a sua opinião, como se deveriam fazer as coisas, como se iria organizar a nova vida, o País novo... A dizer e a fazer, a mudar, a tentar, a experimentar... Particpei em manifestações, em lutas na cidade e no campo, nos quartéis, por todo o lado... Era um povo em movimento, à procura de si próprio. Fez-se muita coisa bem feita e muita coisa mal feita... mas fez-se... Ao passo que, antes, nada se podia fazer, a não ser *bater a bola baixa*, obedecer e calar...

Não vou dizer que o Regime anterior foi só horrores (embora os tenha havido), não vou dizer que o *25 de Abril* foi só flores (também cardos houve, além dos cravos), mas foi um marco histórico, uma libertação, o início de uma nova vida... E isso foi-nos dado pelos *Capitães de Abril* que, tal como o povo, não seriam teoricamente *revolucionários*, mas que o momento histórico tornou revolucionários e heróis...

O que representou para mim a Revolução de Abril

Para se compreender o que para mim foi a *Revolução de Abril*, começarei por dizer como via o Regime por ela derrubado e o que, a meu ver, ela trouxe de novo.

O regime político instaurado por Salazar, conhecido pela Revolução Nacional, e a sua longa governação, não foram só repressão, atraso, fome, obscurantismo, ignorância, como somos hoje tentados a pensar. Em relação à difícil situação herdada da Monarquia e que se agravara com a Primeira República, o Estado Novo constituiu uma importante viragem histórica, com

estabilidade e desenvolvimento. Foi, com todos os limites da época, a aplicação de uma doutrina de paz e de concórdia (a doutrina social da Igreja) contra a guerra de classes que se tinha apoderado do País. Reagindo contra o alastrar de ódios, de confusão e violência, contra a instabilidade política e social, o Estado Novo assegurou ao País a preservação da sua independência, da sua unidade e da sua cultura, proporcionando um certo desenvolvimento e evitando ao nosso povo horrores semelhantes aos que se viveram na vizinha Espanha durante a Guerra Civil e no resto da Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

Porém, com o passar dos tempos, o Estado, de Novo, não sabendo ou não podendo modernizar-se, tornou-se velho e obsoleto, converteu-se num regime ditatorial isolado e paranóico, a governar quase exclusivamente pela repressão. Tentando impedir as mudanças e fechando o País cada vez mais, a paz social passou a ser uma paz podre, insuportável para amplas camadas da população portuguesa (emigração e exílio de centenas de milhares de portugueses, movimentos grevistas e de resistência, agitação estudantil e dos intelectuais). A política nacional e ultramarina tornou-se uma política de submissão a interesses monopolistas e imperialistas nacionais e estrangeiros, e o regime foi incapaz de dar a autonomia às colónias, arrastando-nos para uma longa guerra colonial, que acabou por minar as suas bases e fazê-lo cair.

Foi para pôr termo a essa situação insustentável e renovar o País que se deu a *Revolução do 25 de Abril*. Ela devolveu ao nosso povo a liberdade e a dignidade (embora, em certo momento, tenha corrido o risco de se transformar numa ditadura comunista e de arrastar o País para uma guerra civil) e permitiu a autodeterminação necessária aos povos africanos para se poderem libertar da escravidão e dependência coloniais (embora, por sua vez, tenham ficado à mercê de novas guerras e de novos regimes ditatoriais)...

Como diz o nosso povo, Deus escreve direito por linhas tortas... Depois das agitações iniciais, o povo português, inspirado pelo seu desejo de Paz e pelo seu amor à Vida, tem sabido escolher as vias da concórdia e da

harmonia. Quanto aos povos das ex-colónias, têm vindo a sair lentamente de tantos anos de guerra e sofrimento e a reconstruir os seus países. E foram preservados os laços históricos que nos unem, constituindo actualmente o mundo lusófono uma união de povos livres, iguais e solidários.

O que tenho hoje a dizer

A Revolução pura com que eu sonhava não se fez?... De facto, revoluções puras, só em sonhos... Mas tanta coisa mudou e ainda há tanta coisa por mudar... Paradoxalmente, tenho de dar razão a... Salazar, que em tempos afirmava: *Enquanto houver um português sem pão, a Revolução continua...*

Sim, continua, e deve continuar, mas que se trate de um *pão de Abril* e não de um *pão que o Diabo amassou*, um *pão* que não seja só de encher a barriga nem de consumismo, mas um *pão* de liberdade e de qualidade de vida (hábitos, cultura, valores, espírito...), pois *nem só de pão vive o Homem*, como disse o maior dos revolucionários, que está acima dos acidentes da História...»

Testemunho de Ângelo Santana Barreto

Transcrito por Joana dos Santos Duarte (5º PO)

O 25 de Abril

Só mais tarde percebi realmente o significado do 25 de Abril...

«No dia 25 de Abril fui à escola como todos os dias. Ao chegar à escola reparei que alguma coisa tinha mudado, pois via as alunas mais velhas a darem ordens aos professores e a reitora (directora) foi logo substituída.

Nos dias seguintes tive imensos *furos*, e professores novos cheios de entusiasmo chegavam todos os dias ao liceu.

Em casa, vivia-se em frente à televisão. De meia em meia hora davam as notícias, contando os últimos acontecimentos e nos intervalos ouvia-se música de Zeca Afonso e marchas militares... Só mais tarde é que percebi realmente o significado do *25 de Abril*.»

Testemunho de Maria Antónia
Escrito por Maria Assunção (2º PO)

As ideias democráticas do meu bisavô levaram a que fosse preso no Forte de S. Julião da Barra

Esta história aconteceu aos meus bisavós, Maria Casemira ou Mina e João de Sousa Carrusca. O meu bisavô era republicano democrata: era oficial do exército português e tinha o posto de capitão. A minha bisavó era professora, formada em Évora, tendo um grande gosto pela literatura e pelo teatro.

As ideias democráticas do meu bisavô, a sua não concordância com o regime fascista que se veio a constatar ao longo dos anos levaram a que fosse preso no Forte de S. Julião da Barra, prisão militar da época.

Após algum tempo de prisão, e apesar de ter sido um dos poucos milhares de portugueses que participaram na primeira Guerra Mundial, foi libertado mas expulso do exército. Isto significou não poder exercer os seus direitos nem como cidadão nem como Português.

Por esta razão e para poder sustentar a família, a minha bisavó viu-se obrigada a fundar o colégio D. Filipa de Vilhena que não era indiferente aos inspectores da PIDE.

A morte do meu bisavô deu-se em 1952. Entre os seus amigos contaram-se João Soares, Cunha Leal e Vitorino Nemésio.

Um ano a seguir ao *25 de Abril*, ou seja, 23 anos depois da sua morte, a minha bisavó Mina recebeu uma das maiores recompensas que a revolta dos capitães lhe poderia dar: João de Sousa Carrusca foi reintegrado no exército e promovido a major.

Maria João Carrusca (4º PO)

25 de Abril

Medo, terror, pesadelo, sofrimento, agonia... UF! UF!
Já não posso mais! Terá isto um fim?

Já o meu avô dizia: *Não falta muito para a Revolução surgir!*... E entretanto os anos iam passando!

Regime, ditadura, PIDE, censura, guerra colonial...
Familiares, amigos, conhecidos, desconhecidos...
Tudo no número dos desaparecidos.
Já não posso mais! Terá isto um fim?

Já falta pouco, diziam!
E o meu pai repetia: *Ou eu muito me engano, ou a Revolução está para vir!*... Contudo, meses, semanas, dias, manhãs e noites iam-se apagando...

Apagando-se naquela que é a última a morrer:
a Esperança...

... Até à madrugada do dia!

Hugo Teixeira (6° PO)

Testemunho sobre o 25 de Abril

*Outro grande motivo de orgulho
foi a maneira pacífica como tudo se desenrolou...*

«Como sempre, no dia 25 de Abril de 1974 levantei-me para ir trabalhar. Havia um estranho movimento nas ruas, ao qual não dei muita atenção. Na altura não tinha por hábito ouvir rádio quando me levantava, de maneira que só quando cheguei ao escritório é que as minhas colegas me contaram o que se estava a passar.

Nessa época, a grande maioria das pessoas não tinha consciência política e não se apercebeu imediatamente, tal como eu, do que na realidade estava a acontecer.

Seguindo os apelos da rádio para que as pessoas regressassem a casa, o nosso administrador mandou-nos embora.

A firma onde trabalhava situava-se na Baixa de Lisboa e eu morava no Bairro Alto, de maneira que o meu caminho normal era passar pelo Largo do Carmo. Assim fiz. Só que, quando cheguei ao Carmo, estava tudo cheio de soldados armados e com carros de combate, porque o Dr. Marcelo Caetano se tinha refugiado no Quartel do Carmo, de maneira que ninguém podia passar.

Como sou muito curiosa e queria absolutamente passar para ver o que estava a acontecer, contei uma grande história ao soldado que me barrava a passagem. Disse-lhe que morava do outro lado do Largo e que o único caminho para casa era aquele. Então ele decidiu-se a fazer de guarda-costas até ao outro lado.

Quando íamos mais ou menos a meio do caminho, começaram a ouvir-se rajadas de metralhadora e o pobre soldado só teve tempo de me agarrar no braço e puxar-me para dentro de um vão de escada.

O que senti nesse momento não sei descrever. Francamente não tive medo, mas só pensava até quando iríamos ficar ali. Também estava preocupada com os meus pais, pois eu tinha telefonado a avisar que ia para casa. O soldado só me dizia para não ter medo, que aquilo eram rajadas para o ar para afastar os curiosos e que as ordens que tinham era não atirar contra as pessoas.

Felizmente, passado um bocado tudo se acalmou. Saímos da escada e ele só me disse para me pôr atrás dele, mas para caminhar normalmente e não tentar correr. Assim fiz. Quando chegámos ao outro lado despedi-me dele, agradeci-lhe muito e fui para casa.

Não fiz outra coisa senão ver televisão e ouvir rádio para estar a par do desenrolar dos acontecimentos.

Nos dias seguintes, e como parte do exército que estava a intervir ainda não estava bem organizado, havia falta de víveres. Ajudei vários soldados, fornecendo-lhes comida e até cheguei a coser botões nas fardas de alguns.

Foi uma época que me orgulho de ter vivido, pois despertou em mim a tal consciência política que não tinha e também uma grande curiosidade pelos acontecimentos do passado que até então me tinham parecido *normais* (colonização, eleições livres que nunca tínhamos tido, etc.).

Outro grande motivo de orgulho, e não tenho palavras para descrever o que ainda hoje sinto, foi a maneira pacífica como tudo se desenrolou.

Quando se vê o que se passa em certos países da Europa ditos civilizados (os atentados à bomba na Irlanda, Bélgica, Espanha, etc., em nome da liberdade política) e a viragem que Portugal sofreu naquela altura, sem grandes tumultos, sem mortos, sem atentados à bomba, então, sinto-me orgulhosa de ser Portuguesa.»

Patrícia Almeida (5º PO)

25 de Abril de 1974

Já começava a desesperar de que tal coisa fosse possível...

«Eram sete da manhã quando a minha irmã me telefonou a contar o que se estava a passar. Ao princípio, não sabia se havia de acreditar ou não, porque já começava a desesperar de que tal coisa fosse possível. Algum tempo depois, fui-me preparar para ir à Inspeção Técnica para ver se tinha qualidades suficientes para ir para a tropa; numa parte dos testes falhei umas coisas propositadamente para ver se chumbava, mas acabei por passar.

Foi a caminho que eu vi que o que a Isabel tinha dito era verdade. Fiquei tão emocionado que, quando voltei, fui a correr para as ruas de Lisboa: fui ao Quartel General da Rua do Carmo e à sede da PIDE, onde eles ainda estavam a queimar os ficheiros sobre o ex-governo. Depois fui a casa almoçar e aproveitei para trazer a máquina fotográfica. Mais tarde, voltei para a barafunda e tirei imensas fotografias, das quais uma saiu no jornal: era um Pide a ser perseguido por dezenas de pessoas. Para mim esta revolução deve ter sido melhor do que para a maior parte das pessoas,

porque graças a ela pude, mesmo tendo passado nos testes, não ir à tropa.»

Miguel Miranda (2º PO)

O 25 de Abril

As histórias que a minha avó me conta ajudam-me a perceber...

Para os meus pais o 25 de Abril significou a liberdade e também a responsabilidade.

Eles tinham dezoito anos, trabalhavam de dia e estudavam à noite e puderam votar pela primeira vez nas primeiras eleições livres em Portugal; também puderam sindicalizar-se, o que já era permitido sem serem controlados pela polícia política.

Para o meu pai foi muito importante, pois acabaram as guerras coloniais para onde ele já não foi obrigado a ir combater.

A minha mãe também ficou feliz, porque tinha acabado a PIDE-DGS, que tinha prendido o meu avô durante dois anos porque ele se recusou a entrar para a Legião Portuguesa e porque era contra o Salazar.

A minha mãe e a minha avó também eram contra o Salazar e, no dia 24 de Abril, participaram na distribuição de propaganda contra o Regime.

As histórias que a minha avó me conta ainda hoje sobre o Regime anterior ao 25 de Abril de 1974 ajudam-me a perceber porque é que os meus pais ficaram contentes com a Revolução dos Cravos.

João Guerreiro (4º PO)

O Mundo pôde ver as imagens da grande Revolução portuguesa!

À semelhança da maior parte dos portugueses, no dia 25 de Abril de 1974 os meus pais não trabalharam devido às constantes mensagens difundidas pelas Forças Armadas, que pediam à população para não sair de casa. As emissões de TV e rádio normais foram interrompidas, era apenas difundida música revolucionária e os comunicados, dando as últimas informações sobre o *Movimento*.

O meu pai trabalhava, nessa época, num estabelecimento que pertencia a um ramo das Forças Armadas, onde trabalhava também pessoal civil, como era o caso do meu pai, e a entrada foi-lhes proibida. Como não foi trabalhar, juntou-se a um grupo de amigos militares de Vendas Novas que se encontravam a defender a Margem Sul, perto do Cristo-Rei.

O meu pai esteve prestes a participar na detenção de Marcelo Caetano, mas isso não aconteceu porque algum tempo antes, na perspectiva de ir para a Guiné, conseguiu sair da Escola Prática de Cavalaria de Santarém, onde tinha como capitão Salgueiro Maia, cujo importante papel no 25 de Abril é bastante conhecido.

Para conseguir isso, o meu pai fez-se passar quase por invisível perante uma junta médica militar que, emocionada, o livrou de prosseguir o serviço militar. No entanto, ele era considerado como tendo boa pontaria na carreira de tiro... estranho!!!

Em relação à minha mãe, há apenas a salientar o facto de ela, com a cumplicidade de uma colega de trabalho, ter sido solicitada por dois

repórteres amadores, sem o conhecimento dos padrões, para contactar, via telex, diversas TV europeias para lhes propor a venda dos seus filmes sobre a Revolução, que elas aceitaram de imediato.

Graças a esses filmes, o mundo pôde ver as imagens da grande Revolução portuguesa.

Ana Filipa Costa (4º PO)

Acabaram-se as batas brancas...

A minha mãe:

Apesar de ter apenas 12 anos, o *25 de Abril* foi um dia inesquecível para a minha mãe. Conta que, antes de ir para o liceu, já o meu avô, que era jornalista no *Diário Popular*, tinha telefonado a dar a notícia.

No liceu, para onde ela correu logo que pôde, não houve aulas, só as professoras mais novas e os alunos mais velhos andavam por lá, falando da *Liberdade*.

Passados uns dias, acabaram-se as batas brancas, que eram a farda dos liceus; nos intervalos ia-se para o café ou para a sede dos partidos buscar autocolantes, posters e crachás, e os alunos discutiam coisas que ela não percebia, nas RGA (Reuniões Gerais de Alunos). Mas a camaradagem, diz a minha mãe, continuava, interrompida às vezes por umas discussões, uns insultos, uns gritos que cessavam na hora de jogar ao *mata* ou de fumar um cigarrinho à porta do liceu.

O meu pai:

O meu pai já andava na Faculdade, e por isso já percebia o que se passava por causa das lutas dos estudantes.

No dia 25 de Abril, o meu pai foi para a Rua do Carmo (onde era o quartel onde estava o antigo chefe do governo) e juntou-se a milhares de pessoas que nas ruas festejavam o 25 de Abril e gritavam: *Viva a Liberdade!*

Margarida Assunção (4º PO)

25 de Abril

Foi um dia cheio de esperança!

Pai:

«Tinha eu 18 anos e era estudante num colégio no Porto. Apercebi-me do golpe de Estado ao passar pelo Quartel General na Praça da República. Quando o golpe foi confirmado pela rádio, eu e os meus companheiros fomos para a Baixa festejar a queda do Salazarismo e principalmente manifestar contra o maior flagelo das gerações que me precederam. Foi um dia cheio de esperança!»

Mãe:

«Soube de manhã que estava a decorrer um golpe de Estado. Senti alegria, pensei só nos aspectos positivos. Fui ver como estava o ambiente na Baixa do Porto.

Foi um dia de grande excitação, cheio de esperança e com a crença de que dali para a frente o futuro seria melhor.»

Mariana Duarte (2º PO)

25 de Abril de 1974

A vida continuou a ser igual...

Mãe:

«Estava na Alemanha com os meus pais e irmãos desde 1972. Tinha nessa altura 11 anos, quase 12.

Durante o almoço estávamos a ver o noticiário alemão, pois nesses tempos não havia ainda a RTP Internacional.

De repente, ouvimos a notícia de que em Portugal tinha havido um golpe de Estado. O meu pai ficou contente, mas a minha mãe não ligou muito. Eu e os meus irmãos ainda éramos novos demais e não tínhamos noção do que se tinha passado.

Na escola não houve diferenças. Tinha seis horas de Português por semana e o resto em alemão, mas não falámos sobre o caso. A vida continuou a ser igual.»

Pai:

«Estava em Coimbra a estudar. Os meus pais viviam em Santa Comba-Dão. Tinha, e tenho, dois irmãos: um deles vivia com os meus pais e o outro estava na tropa, em Moçambique.

De manhã, quando saí à rua, havia uma agitação fora do normal. Fiquei logo ao corrente da notícia, mas ainda nada estava completamente esclarecido.

Na rádio diziam para nos mantermos em casa, mas ninguém, ou quase ninguém, dava importância.

As pessoas estavam receosas, surpreendidas e apreensivas. Dirigi-me ao liceu, mas logo percebi que não havia aulas. Fiquei contente. Na nossa zona havia muita ignorância e especulação, não se tinha certeza de nada, e por isso não cheguei a perceber tudo. Nos dias seguintes tudo se esclareceu, mas a confusão continuou.»

Cláudio Matos (2º PO)

Algo tinha mudado na História de Portugal!

«Em Abril de 74, era jovem e militar. Como tal, compreendia e sentia o clima de opressão que se vivia nessa época. Eu tive a sorte de não ser mobilizado.

Encontrava-me na Força Aérea, em Lisboa. No entanto, nas dependências de Alverca, os aviões que chegavam do Ultramar traziam as marcas de uma guerra, naquela altura insustentável. Como jovem, sentia a raiva de ter de suportar o que era imposto.

O dia 25 de Abril foi, para mim, como é natural, um dia memorável de imensa alegria e de verdadeira liberdade.

Quando, de manhã muito cedo, se viu Lisboa com as Forças Armadas espalhadas pela capital, a alegria e ansiedade eram tais que por vezes eram quase insustentáveis. Mas quando, por volta das 17 horas, se ouviu o anúncio de que a tomada de poderes estava efectuada e que a situação estava completamente dominada, o público, completamente eufórico, cantou o Hino Nacional. As pessoas começaram a compreender que na verdade algo de muito importante tinha mudado na História de Portugal.»

Filipe Morais (5º PO)

Testemunho sobre o 25 de Abril

Finalmente iria viver num país livre e democrático!

Mãe:

«No dia 25 de Abril levantei-me de manhãzinha e entrei no trabalho às 9 horas. Nesse dia não acordei com a música do despertador, como costumava sempre fazer. Quando cheguei ao escritório, em Sacavém, reparei que havia uma grande confusão e excitação entre os meus colegas.

A empresa onde eu trabalhava possuía dois directores. Um deles era nomeado pela empresa, um dinamarquês; o outro era nomeado pelo governo e era, então, fascista. Esse director pedira aos trabalhadores para fazerem como se nada se tivesse passado. Porém, os meus colegas mais

de esquerda decidiram espalhar a notícia, e foi então apenas nesse momento que eu soube da situação.

Alguns dos meus colegas foram-se juntar às manifestações, mas outros voltaram para casa. Eu fui uma das pessoas que voltaram para casa, pois tinha apenas 19 anos e tinha de voltar para junto da minha mãe. A minha mãe estava muito nervosa e estava com medo que alguém morresse.

Passámos o resto do dia a ouvir as notícias na rádio e as músicas antifascistas de Zeca Afonso, Fausto, José Mário Branco, Adriano Correia de Oliveira, etc. Quando ouvi na rádio que o governo se tinha rendido, fiquei alegre, feliz e emocionada, porque finalmente iria viver num país livre e democrático. Embora não tivesse sofrido pessoalmente com o governo até esta data, assisti a situações de falta de liberdade. As duas situações que mais me marcaram foram:

* Quando era nova e andava a estudar, um dia, estava sentada no autocarro no Rossio, em frente à Pastelaria Suíça onde havia uma saída de Metro. Vi então a *polícia de choque* a bater em todos os que saíam do Metro: mulheres, homens, crianças e idosos, sem nenhuma razão aparente.

* A empresa onde eu trabalhava tinha duas secções: a fábrica e o escritório. Em Janeiro de 1974, houve uma greve de operários que reclamavam melhores condições e aumento de salário. Um dos directores, o director fascista, chamou a PIDE. Alguns operários que eu conhecia foram levados para serem interrogados e castigados.

Por isso, no dia 1 de Maio de 1974, fui comemorar a Liberdade para as manifestações na rua, para a Grande Festa da Liberdade que todo o povo português celebrou.»

Joana Silva (5º PO)

25 de Abril de 1974

Reuniram-se para festejar com o cravo, como todos tinham...

No dia 25 de Abril, a minha mãe acordou cedo ao ouvir as notícias da rádio que foram substituídas logo por músicas revolucionárias.

De seguida, entusiasmadíssima, foi para o liceu, para ver o que se passava, e onde encontrou os seus amigos. Nesse dia não houve aulas, como é normal.

Todos, excitadíssimos, comentavam o grande acontecimento, ouviam as notícias e tentavam saber cada pormenor do que se passava. Mais tarde, voltaram todos para as casas respectivas. A minha mãe ficou em frente da televisão para seguir atentamente as notícias, e foi ouvindo rádio. Ao fim do dia ou quase no fim da Revolução, a minha mãe e os meus avós reuniram-se com os seus amigos para festejar o santo fim do acontecimento, a Liberdade, com o cravo como todos tinham.

Vera Condeço (5° PO)

A Revolução dos Cravos

*Os estrangeiros faziam sinais de vitória
e de liberdade aos portugueses*

Pai:

«Tinha 16 anos. Estava em Amarante, numa pequena aldeia onde, nos primeiros dias, a Revolução não foi vivida com a mesma intensidade que nas grandes vilas e cidades.

As pessoas ouviram na rádio os pedidos e as recomendações dos soldados e também as grandes músicas revolucionárias daquele tempo. Não havia televisão.

As fronteiras estavam fechadas, mas os estrangeiros que alguns dias depois regressavam aos seus países faziam sinais de vitória e de liberdade aos portugueses emigrantes.

Nesse mesmo ano os meus familiares paternos foram viver para a Alemanha e o Estado alemão, vendo que eram portugueses e que não eram pessoas da cidade, deu-lhes um pouco mais de apoio e foi mais compreensivo em alguns aspectos.»

Mãe:

«Tinha 13 anos. Estava a viver em Angola. As pessoas souberam as notícias através da Rádio, pois nessa altura não havia Televisão em Angola. Também se ouviram as músicas revolucionárias. Os mais novos não se apercebiam muito bem do que se estava a passar, mas os adultos, esses, estavam todos contentes. A minha mãe estava um pouco confusa, mas já começava a perceber o que se passava em Portugal. Nesse ano, todos os alunos de todas as escolas passaram de ano.»

Sofia Ribeiro (4º PO)

O que foi o 25 de Abril para a minha mãe

Foi a única Revolução da História que não foi violenta!

Como a maioria dos portugueses, a minha mãe, que na altura tinha 26 anos, só soube que tinha havido uma revolução na manhã do dia 25.

Durante a noite, por volta da meia-noite e meia, passou na rádio uma música que aparentemente nada tinha de especial, mas que na realidade tinha a função de avisar as pessoas de que o fim da ditadura estava próximo. Uma ditadura que tinha durado 40 anos. Depois, quem esteve atento à rádio ouviu outra vez a tal música; então, começou-se a estranhar, sobretudo porque se tratava de uma música proibida pelo Regime.

A Revolução passou-se durante a noite. Foi a única Revolução da História do mundo inteiro que, apesar de merecer o seu nome de Revolução, não foi violenta e não derramou sangue.

A minha mãe, como praticamente toda a gente, ficou feliz com o que tinha acontecido, e também se juntou à multidão que estava na rua, para manifestar a sua alegria.

Rafael Nogueira (4º PO)

Um Testemunho sobre o 25 de Abril

Os cravos decoravam as baionetas!

Eram 7h da manhã quando soube da Revolução. A sua mãe tinha-lhe telefonado a dizer que não podia ir a Lisboa festejar os seus anos, como era

costume, porque... *havia uma revolução!* O acesso a Lisboa estava bloqueado; os carros não podiam entrar em Lisboa. Tinha ouvido essa notícia na rádio: era um golpe militar contra o Regime.

Cerca de meia hora depois saiu para a Faculdade, como habitualmente, pois tinha aulas às 8.00 da manhã. Mas, ao chegar lá, e mesmo apesar de uma professora insistir em dar a aula, a revolução já se sentia: os alunos recusaram-na e impediram a professora de dar a dita aula.

Os alunos arrombaram a porta da sala da Associação de Estudantes e ocuparam-na. A Associação de Estudantes tinha sido encerrada pela polícia cerca de dois anos antes, na sequência da expulsão de sete alunos, que foram compulsivamente incorporados no exército; a maioria tinha desertado.

Estavam sistematicamente a ouvir rádio para poderem estar ao corrente do que se estava a passar. Uma ou outra hesitação, mas finalmente confirmava-se a vitória dos militares sobre o regime ditatorial que existia em Portugal. Depois foi a ida ao Largo do Carmo onde espontaneamente se concentraram milhares e milhares de pessoas. Os cravos decoravam as baionetas!

Ao fim da tarde, um grande grupo de amigos reuniu-se numa associação onde se encontravam regularmente, a JUC Juventude Universitária Católica. Naquele dia, havia muito mais a falar: cada um foi contando o que tinha visto e ouvido ao longo do dia e faziam-se grandes reflexões sobre o que tudo aquilo poderia dar....

Nos dias que se seguiram era a agitação permanente: a chegada dos políticos que estavam refugiados no estrangeiro, a libertação dos presos políticos de Caxias, os debates políticos na televisão, o ir ver o que se estava a passar aqui e ali... Vivia-se um período de grande excitação e de grande movimentação. A vida mudou: o ritmo habitual tinha mudado. Vivia-se na rua. Os colegas que tinham sido expulsos da Faculdade voltaram e lideravam grandes reuniões de estudantes. Tudo se discutia sobre o funcionamento da Faculdade e... sobre a instauração de um regime

democrático; a confiança e a desconfiança relativamente aos militares que tinham liderado a revolução, e muitas outras coisas.

No dia 27, a mãe assistiu a um importante evento. Teve a primeira reunião de jovens (ela tinha 20 anos na altura) que conduziria à formação da JS (Juventude Socialista).

A partir daí, todos os dias, dezenas de jovens começaram a aparecer na sede do partido para também poderem colaborar.

Começava a discussão permanente, as reuniões de horas e horas em que tudo se discutia. Muitos tinham lido os livros dos grandes ideólogos: Marx, Lenine, Mao Tsé-Tung, Rosa Luxemburgo, Trotsky e outros. Outros nunca tinham ouvido falar em nenhum destes nomes. Não sabiam o que era um partido político, mas sabiam que queriam participar.

Outra data importante nos dias que se seguiram ao *25 de Abril* foi o *1º de Maio*.

Nesse dia lembra-se que toda a gente veio para a rua, uma grande manifestação desfilou pela Avenida Almirante Reis até chegar ao Estádio que passou a chamar-se Estádio 1º de Maio. Aqui houve um grande comício; estavam lá Mário Soares e Álvaro Cunhal, Secretários-Gerais do Partido Socialista e do Partido Comunista Português, respectivamente. Até aí ambos viviam no exílio porque não tinham condições políticas para viver em Portugal. Talvez tenha sido a maior manifestação que alguma vez se realizou em Portugal.

Mas, para terminar, independentemente dos acontecimentos especiais que referiu, o que mais recorda destes dias é a mudança radical da vida na cidade de Lisboa, onde habitava: toda a população veio para a rua, todos queriam participar.

As pessoas queriam mais e mais coisas, mais e mais sinais de que a ditadura tinha sido derrubada e com ela todas as figuras que com ela mais se identificavam.

A capacidade reivindicativa das pessoas era enorme e espontânea; a cidade vivia em festa permanente naqueles dias.

Nuno Marques (5° PO)

25 de Abril

Para ele foi um dia giro... Mas para a minha mãe, não.

No dia 24 de Abril de 1974 o meu pai estava no Porto. À noite ele ouviu uma notícia sobre o que ia acontecer no dia seguinte. Mas o meu pai não percebeu e pensou que tinha qualquer coisa a ver com o mês anterior (no dia 16 de Março tinha havido uma tentativa para derrubar o poder).

No dia seguinte, dia 25 de Abril, ouviu no Telejornal que Marcelo Caetano se tinha rendido. A partir desse dia o meu pai só ouvia as mesmas músicas; algumas delas eram as de José Mário Branco e de Zeca Afonso.

O meu pai também me disse que ele e as outras pessoas que conhecia não percebiam bem o que se tinha passado, só sabiam uma coisa: era que se podia falar sobre política. Para ele foi um dia giro, muito alegre, muito bom.

Mas para a minha mãe, não. Ela teve de sair de Moçambique, deixar tudo o que tinha, todas as recordações da mãe e dos amigos, e ir para Portugal. Moçambique era melhor do que Portugal antes do 25 de Abril, foi por isso que ela saiu do país onde nasceu e passou os momentos mais

felizes da vida dela, para ir para outra terra que desconhecia. Para ela foi um dia feio, muito triste e muito mau.

Entrevistadora: Carla Diana Cardoso Guardão (2° PO)

Entrevistados: Luísa Cardoso (mãe) e Henrique Guardão (pai)

25 de Abril

A caminho da liberdade,
uniu-se uma nação,
pela luz duma esperança,
perdida na escuridão.

Sufocado pela censura,
pelo ódio e pela tortura,
o povo canta um sonho,
um sonho de ternura.

No silêncio da madrugada,
o cravo trava a batalha,
reprimido e perseguido,
mas sem se dar por vencido.

Abrem-se as trevas
para saciar a vontade
da paz, da alegria, do pão,
com o sabor da verdade.

Retidas as armas,
a paz há muito perdida
ressurge na treva

como jóia renascida.

Cristina Costa (6º PO)

25 de Abril de 1974

Modesta Campolargo tinha 19 anos na altura da Revolução de Abril de 1974

Como é que soube da Revolução de 25 de Abril de 1974?

— Soube do acontecimento pela rádio.

Qual foi a sua primeira reacção?

— Primeiro foi de alegria, mas depois foi de perplexidade, em relação a um projecto tão ambicioso.

Alguma vez fez alguma coisa, antes ou depois do «25 de Abril», que a tivesse marcado muito?

— Sim. Antes, durante o Regime, eu e um grupo de amigos íamos para o apartamento do meu actual cunhado, ouvi-lo cantar canções que o Regime proibia, nomeadamente canções de José Afonso. Claro está que fazíamos tudo isto às escondidas de toda a gente, principalmente dos nossos pais que, apesar de serem contra o Regime, tinham medo e nunca nos deixariam sair para esse tipo de coisas.

Mário Campolargo era professor do Ensino Primário em 74

Como soube do acontecimento?

— Estava na avenida principal, em Aveiro, dirigia-me para a escola e parei num sinal quando uma colega ia a sair de casa. Chamou-me e disse: «Mário, está a haver uma revolução em Lisboa e parece que o governo caiu.» Quando cheguei à escola já os meus colegas sabiam e, nessa manhã, não demos aulas e ficámos a olhar uns para os outros sem dizermos nada, com receio de sermos vigiados, pois antes desse dia era o trabalho da PIDE e não sabíamos quem estava ou não do nosso lado.

Qual foi a sua primeira reacção?

— Foi um misto de alegria e receio, pois como disse não sabíamos quem tinha um papel de «mau» ou de «bom», e receávamos que nada daquilo funcionasse.

Alguma vez fez alguma coisa, antes ou depois do «25 de Abril», que o marcassem muito?

— Sim. Depois do «25 de Abril» deixei crescer a barba e o cabelo em sinal de liberdade.

Testemunho de Mário Campolargo:

O dia tinha amanhecido como nunca antes!

Não sei se o dia tinha nascido claro, como nas manhãs de Abril dos outros anos, mas sei que me levantei cedo. Tinha aula de geometria

descritiva no edifício das Matemáticas com o Prof. Albuquerque, eminente homem de ciência, que tinha sido marginalizado pelo Regime anterior.

Viver em Coimbra era viver num quarto alugado sem nenhuma das comodidades frequentes hoje: nem rádio, nem televisão, só as paredes comidas, os cobertores pesados e a velhota que já tinha alugado quartos a tantos outros doutores. Assim o percurso até à Universidade nada denotou.

Ainda por cima, como levantar cedo custa muito, não tinha sequer passado a tomar o pequeno almoço na cantina... senão já saberia que o sabor do pão em liberdade não seria o mesmo.

Chegado à Universidade, havia aí um misto de interrogação nos espíritos, e os comportamentos eram algo fora do normal. Já não houve aula. As informações corriam ainda em surdina para aumentarem de tom e se revestirem de alegria com o passar dos minutos e das horas. Era em Lisboa, o dia tinha amanhecido como nunca antes. Havia movimentações militares. *Não ouviste a rádio? Sabes algo mais?...*

Dois ou três nos juntámos e descemos as escadarias monumentais, tão monumentais quanto a curiosidade e a expectativa que nos perpassava. Virámos ligeiramente à direita, ali perto do muro que o Santos Silva tinha galgado, apesar das suas evidentes debilidades físicas, ao fugir da *polícia de choque* no Doutoramento Honoris Causa de Lopez Rodó. Subimos mais uma rua, virámos de novo à esquina e cortámos a estrada em diagonal. No instante seguinte tínhamos o ouvido colado à BBC, à Rádio Tirana ou às emissoras portuguesas, sei lá... Ouvíamos as mesmas notícias, os mesmos comunicados, a mesma marcha militar centenas de vezes... e em cada vez que as ouvíamos julgávamos descobrir aquela nova informação que nos ajudava a criar um cenário mais verosímil para aquele primeiro dia da Revolução.

Tinha-se apoderado de nós um frenesim que não havia de passar tão cedo. O povo tinha saído à rua. E nós no meio dele, tentando conter uma alegria quase infantil e irreal (como se a alegria pudesse ser alguma vez

irreal!). Ao fim da tarde... ao fim da tarde foi a sede da PIDE, já circundada por muitos populares! Daí haveria de ver sair os *Pides* dois dias depois, por entre apupos e pauladas. Por aí haveria de começar a minha vivência concreta da democracia e o meu maior entendimento do que é o poder e do fascínio que ele exerce sobre os homens.

A memória trai-me, mas estou seguro que participei naquele dia em mais de mil conversas, mais de cem plenários de estudantes, mais de dez Assembleias Magnas. Aquele foi o dia em que o futuro se resumiu... e eu, a criança de olhos abertos que absorve tudo para compreender melhor mais tarde...

Margarida Campolargo (3º PO)

O que foi o 25 de Abril para o meu pai

*A boa nova trouxe-lhe a esperança
de que finalmente o país mudasse!*

O meu pai, como muitos portugueses, estava nessa altura na guerra colonial em Angola. Encontrava-se num quartel em Nova-Lisboa, hoje conhecida como Cidade do Huambo, e tinha data fixada para partir para o mato, no leste de Angola. O descontentamento de todos aqueles jovens prestes a partir para um local de guerra, guerra essa que era cada vez mais posta em causa, criava um clima de tensão.

Ao fim da tarde do dia 25 de Abril, quando se passeava por um Centro Comercial da cidade, avistou um colega que lhe deu a grande notícia: houvera uma revolução em Lisboa e as Forças Armadas controlavam o país. A boa nova trouxe-lhe uma grande alegria e a esperança de que

finalmente o país mudasse. A informação sobre a revolução chegava cada vez mais actualizada, mas, para quem era militar, as dúvidas sobre o desenrolar da situação eram ainda muito grandes. A data da ida para o mato continuava fixada e os tumultos naquela cidade começaram a surgir.

O povo angolano queria naturalmente a sua independência, mas as ordens recebidas de Portugal eram, por vezes, contraditórias. A situação foi-se esclarecendo, e assim o meu pai e os seus colegas já não foram para o mato. O bom senso prevaleceu e os militares começaram a regressar a Portugal.

A *Revolução dos Cravos* pôs fim à mais longa ditadura da Europa Ocidental e, para além de ter acabado com a censura e ter dado liberdade aos Portugueses e às colónias portuguesas, permitiu que Portugal se modernizasse.

Artur Carvalho (4º PO)

25 de Abril de 1974

Há outro golpe e desta vez é a sério!

Em 1974 faltavam nove anos para eu nascer e o meu pai diz que foi a melhor altura da vida dele. Consta que passava as manhãs na cama e só se levantava para almoçar.

Mas conta que não foi esse o caso na manhã de um certo dia de Abril. Na realidade, parece que não chegou a deitar-se na noite anterior.

Seriam umas quatro da madrugada, estaria a despir-se no quarto (protesta que não vinha de uma noitada, mas que acabava de regressar do

trabalho: era jornalista e fazia o piquete da noite — a série habitual de acidentes, mortes, incêndios ...), toca o telefone.

Era o meu avô que, por coincidência, era também o director do jornal: *Volta depressa e traz o carro. Há outro golpe e desta vez é a sério. Quero toda a gente aqui.* E desligou. A voz parecia calma, mas a mensagem foi concisa. Diz o meu pai que imaginou o meu avô sozinho àquela hora, no velho casarão de *O Século*, a convocar pelo telefone a sua trintena de jornalistas espalhados pela cidade sonolenta.

Pelas ruas quase sem trânsito chegou em poucos minutos ao jornal. Pelos vistos, não tinham sido convocados apenas os jornalistas: à volta da rotativa, ainda quente da véspera, já se afadigavam os primeiros tipógrafos, e cá fora, atraídos pela perspectiva de uma edição especial, começavam a surgir os ardinhas.

Lisboa, indiferente, continuava a dormir, mas no pequeno mundo dos jornais os acontecimentos precipitavam-se. No gabinete da direcção estavam já o chefe de redacção e os primeiros repórteres. Com um telefone em cada mão, o meu avô tentava recolher informações, mas quase ninguém atendia as chamadas. Ao mesmo tempo, dava instruções para a realização do que viria a ser a primeira de uma longa série de edições de *O Século* com a data de 25 de Abril de 1974.

Era ainda noite escura e pouco se sabia do que se estava a passar. Apenas alguns correspondentes do jornal em localidades da província tinham estranhado a passagem de colunas de carros militares em direcção a Lisboa.

Sabia-se que vinha tropa de Santarém e de Estremoz, e havia quem pensasse que também poderia sair alguma de um quartel nas Caldas da Rainha que se revoltara dias antes e se rendera horas depois.

À falta de outras indicações, os repórteres foram enviados para junto dos principais quartéis e para os locais onde se esperava que chegassem as

tropas vindas da província. O meu pai, ao volante do seu *Toyota* e com um colega ao lado, foi incumbido de ver e relatar o que fariam os militares que chegavam do Alentejo pela auto-estrada da *outra banda*, como se costuma chamar à margem sul do Tejo. O dia nascia quando chegaram à ponte, que nesse momento ainda se chamava Salazar.

Pela rádio do carro ouviram os primeiros comunicados do Movimento militar, a mandar as pessoas ficarem em casa. Àquela hora e naquele local, entre os raros automóveis que passavam, as mensagens do Rádio Clube Português eram o único elemento insólito da manhã. As outras estações continuavam a transmitir o programa dos agricultores e rubricas de *discos pedidos* (dedicados aos pais ou aos namorados). Mas não seria assim por muito tempo.

Mal passada a ponte, os repórteres notaram a presença de vários veículos junto à base do Cristo-Rei. Logo a seguir surgia ao fundo da auto-estrada uma coluna de camiões e blindados. ainda de faróis acesos.

O meu pai contou-me o que viu: *Era uma fila de camiões de caixa aberta, com alguns jipes e blindados pelo meio. Não vinham devagar, mas mesmo assim eram ultrapassados por alguns automóveis que também seguiam em direcção à ponte. Os soldados vinham enrolados em mantas castanhas, provavelmente transidos de frio. A manhã estava ainda enevoadada, e lembro-me de ter pensado que, se se constipassem, perdiam a guerra. Parámos na berma da auto-estrada e o meu colega saiu do carro para tirar algumas fotografias. Mas nesse momento passou um jipe com uma metralhadora e o soldado virou o cano para nós. Aí voltámos para dentro do carro. O meu colega disse-me que não estava com medo, mas sim preocupado: não sabia o que aquilo ia dar.xw*

Na realidade, diz hoje o meu pai, naquele momento ainda ninguém, provavelmente nem sequer os soldados revoltados, sabia ao certo o *que aquilo ia dar*.

Rita Figueira (5º PO)

Entrevista «Memórias do 25 de Abril»

Como começou o dia 25 de Abril para ti?

— O dia começou como todos os outros. Levantei-me, tomei o pequeno-almoço...

Está bem, já percebemos.... Quais foram os sinais que te mostraram que tinha havido uma revolução?

— Os meus pais disseram-me que tinha havido um golpe de Estado, embora eu não percebesse o significado por não ter "consciência política".

Quais foram as tuas reacções?

— Já não me lembro, porque tinha apenas 12 anos...

O que fizeste no resto do dia?

— Fui para o liceu, como todos os dias, e mesmo lá apenas corriam alguns rumores. O 25 de Abril, no próprio dia, não teve grande impacto para mim, embora tivesse tido noutras pessoas que entendiam melhor do assunto que eu (jovens e adultos).

Pedro Fernandes (2º PO)

Memórias do 25 de Abril

Onde é que estávamos em Abril, há 25 anos?

Qual B.B., pergunta a minha filha: *Onde é que estavas no 25 de Abril?* Que era para um trabalho da escola, um *testemunho*. Sinto-me grata porque — finalmente! — um professor quer colaborar para evitar que a memória dos (imediatamente) mais velhos se perca. Para que os jovens ouçam de viva voz, como eu própria conheci pelos meus pais os tempos das grandes guerras que não vivi, que a geração dos seus pais e mães viveu a adolescência num país muito mais pequenino. Pequenino porque lhe tinham roubado a dignidade e o respeito por si próprio.

Onde é que eu estava?

Era professora numa escola secundária: o director era nomeado pelo governo e não eleito pelos colegas; as reformas do ensino, impostas sem ouvir os interessados, professores e alunos. Os professores que tentavam melhorar os sistemas educativos, os programas, as suas próprias condições de trabalho, etc., reuniam-se à revelia do Ministério da Educação e dos reitores e directores. Faziam abaixo-assinados reivindicando direitos, que alguns colegas subscreviam a medo. Pôr o seu nome no fim de um texto rebelde era um acto de coragem que podia comprometer uma carreira: arriscavam-se a que a Direcção da escola, aliada do poder instituído (o governo), os não aceitasse no ano seguinte. Os sindicatos dos professores, criados logo em 1974 para os defender, não existiam, como é óbvio, nessa altura.

Em 1974 era ainda muito jovem: tinha bem fresco o episódio da luta estudantil em Coimbra, cinco anos antes. Os jipes com arame farpado para atacar os *subversivos*. As investidas da polícia nos locais de reunião dos estudantes (a Associação Académica, os cafés), nas ruas e praças da cidade. Os *tiros para o ar* que quase mataram. Os gases lacrimogéneos. Os espancamentos de manifestantes. As furgonetas negras cheias de GNR

armados até aos dentes, treinados para atacar como *pitbulls*. A prisão de colegas. Os rapazes expulsos da Universidade e obrigados a partir para a guerra em África, talvez para a morte.

(A propósito, o Ministro da Educação era o agora tão mediático Professor Hermano Saraiva, que enchia à noite o ecrã da TV com o papão do Comunismo e das canções do Zeca Afonso.)

As coisas não tinham mudado muito nesses cinco anos. Desde 1968 que o Primeiro Ministro Salazar, por ter caído da cadeira (é verdade, estava sentado numa cadeira que se partiu, e ficou incapacitado), fora substituído por outro, Marcelo Caetano.

Era a *evolução na continuidade*: é que já havia gente muito bem instalada à custa do *bom povo português*, e a essa gente dava jeito que o país continuasse pequenino e *orgulhosamente só*. Que o tal povo continuasse analfabeto, que as saídas para o estrangeiro tivessem de ser autorizadas pela polícia do Estado (a PIDE, essa das prisões e das torturas).

Dava jeito que os jornais só escrevessem o que o governo queria, que a TV e a rádio tivessem programas *pimba* e que a música fosse *pimbíssima*. Que uma idazita ali pertinho, a Vigo ou a Ayamonte, comprar caramelos e sapatos de lona para a praia (coisas que não havia em Portugal) fosse sentida pelos felizes remediados que podiam fazê-lo — olhos esbugalhados, *que maravilha!* — como uma excursão a Marte: até os *nuestros hermanos*, que também viviam afastados da Europa e do Mundo, eram mais *civilizados* do que nós.

Dava jeito que tantos e tantos tivessem de fugir para outros países se quisessem estudar em paz, praticar a sua arte livremente, ver outras gentes, ganhar melhor a sua vida ou, simplesmente, escapar da morte.

Onde é que estávamos em Abril, há 25 anos? Numa terra de onde só apetecia sair.

Que é feito dessa terra, hoje?

Para quantos aqui vivemos, está longe. Parece-nos por isso mais perfeita.

Mas há, entre tantas, uma diferença que não tem preço: é que, a partir de 74, nenhum de nós a deixou porque tinha medo. Da guerra, da prisão, da ignorância, da fome, de ficar pequenino.

E todos a deixámos sabendo que podemos voltar. Basta querermos. Nós é que mandamos em nós.

Testemunho de Maria José Sá
Inês Sá Nabais (5º PO)

Foi ele que devolveu a Portugal a liberdade!

Em 1974, o meu pai tinha 18 anos, vivia em África e, se bem que não fosse indiferente aos problemas sociais, estava muito mais interessado em gozar a vida tal como a tinha. Pessoal e socialmente não enfrentava problemas de maior.

Assim, o 25 de Abril, quando veio, não o tocou profundamente. A vida não parecia opressiva nem angustiada para um branco da classe média com 18 anos, em África.

A sua percepção alterou-se mais tarde quando, tendo passado a viver em Portugal e estudado a realidade social do regime político de Salazar e Caetano, se apercebeu de quão sufocante e fechado dentro de si próprio era o Regime pré-25 de Abril.

Assim, hoje para ele, o 25 de Abril tem um papel fundamental na História de Portugal. Foi ele que marcou o abandono de uma autarcia asfixiante económica e socialmente e devolveu a Portugal a liberdade e vontade para se relacionar estreitamente com o seu *ecossistema* próprio, a Europa e, através dela, com a Humanidade em geral.

Com ele, a sociedade portuguesa começou de novo a regenerar-se na seiva das novas ideias e experiências, e tornou a olhar para a frente e para fora.

Ana Rita (4º PO)

Efectivamente, tinha havido qualquer coisa em Lisboa!

«Naquele dia, como habitualmente, logo pela manhã segui para a escola. Era quinta-feira e as duas primeiras horas de aulas eram de Ginástica. Quando terminaram estas aulas, cerca das 11 horas, um colega disse-me: *Houve qualquer coisa em Lisboa, não ouviste nada no rádio?*

Eu nada tinha ouvido mas naquela altura já muita gente estava de ouvidos encostados às telefonias para saber das novidades.

Efectivamente, tinha havido qualquer coisa em Lisboa. Os militares estavam a tomar o poder e por isso o Governo que até aí era liderado pelo Primeiro-Ministro Prof. Marcelo Caetano estava a cair, deixando assim de ter qualquer poder de decisão nos destinos do país.

Até essa data, os nossos conhecimentos de política eram muito reduzidos ou mesmo quase inexistentes. A idade e a informação que não nos era transmitida para isso contribuía.

Lembro-me que, na escola, quando pedíamos a algum professor informações sobre o nosso sistema político, essas informações eram sempre muito evasivas ou eram mesmo negadas com a alegação de que não se podia falar sobre isso nas escolas. Quando algum professor se atrevia a ir mais longe na informação, havia sempre alguém que tentava impedi-lo, muitas vezes com ameaças entre as quais a de expulsão da escola.

Recordo muito bem que antes dessa data só nalguns locais se ouvia falar dos governantes, da guerra em África e de outras coisas ligadas à vida política nacional ou internacional. É que as notícias sobre o que se passava nos outros países e que não interessaria ao governo português que se soubessem também não chegavam aos portugueses. Os jornais e os livros eram controlados por gabinetes de censura e até alguns discos eram proibidos.

Na livraria onde habitualmente eu comprava os livros e todo o material escolar, havia quase sempre livros muito raros (por serem proibidos), e foi aí que eu comecei a ouvir falar contra o regime político e contra a guerra em África.

Só depois do 25 de Abril me dei conta de quanto era perigoso ter aquelas conversas, uma vez que existia uma polícia que se encarregava de educar as pessoas que não estavam de acordo com as políticas seguidas até aí.»

Andreia Costa (2º PO)

25 de Abril

De que te lembras do dia 25?

Mãe:

«Uns dias antes, no dia 12 mais precisamente, uma professora de Geografia tinha-me oferecido um disco do Zeca Afonso — *Grândola, Vila Morena* — e nessa altura ela disse-me: *Este é um presente muito especial, ouves baixinho e guardas; se quiseres saber mais por que é que é especial e por que é preciso guardá-lo, eu conto-te*. Mas, entretanto nem ela nem eu tivemos nova oportunidade e portanto não falámos mais no assunto.

Como sabes, vivia em Peniche e, no dia 25, como num dia normal, fui para a escola às 8h30. Por volta das 11h, estávamos na aula de História, um contínuo veio buscar um dos meus colegas (o pai dele era da PIDE e estava dentro do Forte) e conversou com a professora, que o obrigou a sair um pouco abruptamente e fechou a porta à chave. Mandou-nos sentar e calar e disse-nos: *Parece que andam para aí uns militares a dizer que derrubaram o governo e querem que vos mande a todos para casa, mas daqui ninguém sai. O governo vai ganhar*.

Entretanto, o contínuo bateu à porta e foi preciso muita insistência para ela finalmente nos deixar sair. Todos os pais estavam à espera dos filhos para os levar para casa e eu, quando vi 2 ou 3 soldados com as espingardas apontadas para a entrada da escola, tive medo. Fomos para casa ouvir o Telejornal, e lembro-me ainda hoje das caras dos locutores Fialho Gouveia e Henrique Mendes que, totalmente emocionados, explicavam a situação. (Depois do Telejornal, deu um filme do Daktari — uma série que eu adorava).

Durante a tarde, quando começámos a ouvir na televisão que a situação estava controlada, fui com as minhas amigas visitar os soldados que estavam ao longo da estrada com os canhões apontados para a Fortaleza de Peniche. Deram-nos balas nas quais fizemos um buraco e pusemo-las nos fios.

É preciso que saibas que em Peniche havia uma das mais famosas prisões políticas do antigo Regime. Por aí passaram Mário Soares, Álvaro Cunhal e outros. E portanto lá dentro estavam tanto presos políticos como os funcionários da PIDE e também os da Polícia Militar. Os soldados tinham por missão soltar os presos e evitar uma batalha. Assim, e após várias negociações e ordens superiores, vieram os militares mais graduados, e no dia 27 começaram a libertar alguns dos presos. Entretanto os funcionários da PIDE tinham sido presos. Penso que esta libertação foi o que mais me emocionou nessa altura.»

Pai:

«Vivia em Lisboa e lembro-me dos militares na rua com os carros de combate.

Foi um dia de grande excitação e de dúvida, porque não se sabia quais seriam as consequências dessa mudança. O que mais me emocionou foi saber que uma revolução feita pelos militares estava a tentar desmorrar o governo de Marcelo Caetano e que a intenção era a de instaurar um regime democrático, que iria pôr fim ao fascismo e à ditadura em que sempre tínhamos vivido. Mas mais importante era que os cidadãos comuns e os militares estavam de acordo e não queriam sangue, tentavam instaurar uma democracia sem violência.

E claro que também tive medo, porque era uma revolução feita por militares e eles tinham sido treinados para fazer a guerra e, portanto, não se sabia quando alguma coisa poderia correr mal e a violência começasse de um acto um bocadinho mais irreflectido. Felizmente havia gente como Salgueiro Maia e tantos outros que tinham uma firme convicção: *Guerra, nem pensar!*

Acho que valeu a pena, porque nos trouxe liberdade de expressão, melhorou as condições de vida de todos os portugueses, deu-nos uma vida mais justa, uma assistência médica mais correcta. Um respeito muito maior

uns pelos outros. Penso também que o balanço destes últimos 25 anos, se não é inteiramente satisfatório, é pelo menos muito bom.»

Bernardo Amador (2º PO)

O 25 de Abril na Alemanha

Podemos sentir vaidade no nosso maravilhoso país!

Testemunho de Maria Luísa Geraldês Dionísio Paulino:

«Nessa época eu vivia na Alemanha, residia num apartamento em Colónia e trabalhava nos Correios como cozinheira. Só soube que havia uma revolução em Portugal no dia 26, através do Telejornal alemão. Fiquei contra ela e muito preocupada, porque tinha a minha filha, os meus pais e outros familiares em Lisboa.

Mas rapidamente mudei de ideias, pois percebi que a revolução era o único meio de o nosso país evoluir. Penso que foi algo de muito bom para todos os portugueses, apesar de não ter mudado nada na minha vida de emigrante.

O que mais me chocou foi o período a seguir à festa e às manifestações. Nesse período, as pessoas perderam o respeito pelos outros e tristemente perderam o verdadeiro significado de *LIBERDADE*.

Isto tudo só porque não estavam preparadas para viver numa democracia, para viver na liberdade, e foi isto que as destruiu e que as fez fazer coisas incríveis, como por exemplo irmãos lutarem contra irmãos,

desrespeito por tudo e por todos, *graffitis* espalhados por toda a Lisboa, etc...

É verdade, também, que a Revolução melhorou radicalmente o nosso país, as nossas leis, a nossa economia e a nossa cultura; melhorou a vida dos trabalhadores, dos presos políticos, que foram libertados, dos políticos exilados, que puderam regressar a Portugal, dos militares, que puderam deixar as colónias, etc...»

Testemunho de Manuel Silva Paulino:

«Nessa altura, vivia com a minha mulher em Colónia, na Alemanha, e trabalhava como mecânico nos Correios. Soube através do Telejornal alemão da Revolução. Fiquei muito preocupado, pois não estava esclarecido, não sabia o que queriam realmente os revolucionários.

Depois de me ter devidamente informado e de saber que tudo estava a correr bem, fiquei muito contente por todas as pessoas que tinham sofrido com a ditadura.

Nesse dito ano, fui passar férias a Portugal e fiquei um pouco decepcionado com a reacção das pessoas, que era uma reacção violenta e sem princípios, em virtude dessas ditas pessoas não estarem preparadas para sair tão rapidamente de uma ditadura para uma democracia. Mas, hoje, sinto-me orgulhoso do meu país, que apesar da pobreza e de outras coisas, evoluiu em aspectos muito importantes para a nossa sociedade. Apesar de termos tido uns anos complicados por causa do acerto político, podemos sentir vaidade no nosso maravilhoso país.»

Comentário pessoal:

Isto são memórias de uma época em que os homens eram Homens e em que a liberdade tinha preço, uma época em que se lutava por aquilo a que se tinha direito, época essa que nunca mais vai voltar, porque os tempos mudaram, as mentalidades mudaram, tudo mudou! Resta-nos a nós, que

não vivemos esses tempos, ouvir as histórias daqueles que por lá passaram, e sonhar...

Patrícia Sofia Marques Borges (5º PO)



25 de Abril de 1974

A Revolução acabou por vencer...

«Quando o 25 de Abril aconteceu, eu encontrava-me na Guiné a cumprir o serviço militar. Lembro-me desse dia como se fosse hoje.

Soube do que estava a acontecer em Lisboa por volta do meio dia, hora da Guiné. Estava sentado num jipe a pensar que nunca mais chegava a hora de regressar, quando um camarada veio ter comigo e me disse que havia *rebolição em Lisboa*.

Mas, como era habitual, foi através da BBC que soubemos do desencadear da *Revolução dos Cravos*; nunca mais me esqueço de que era o António Borga, mais tarde locutor da RTP, que estava a dar as notícias sobre o acontecimento na capital portuguesa.

Posteriormente, sintonizámos a rádio para a estação emissora nacional e, a partir daí, começámos a ter um contacto directo via rádio com os sucessivos desenvolvimentos da Revolução.

Devo dizer no entanto que, no princípio, estávamos todos um pouco confusos, porque não sabíamos muito bem qual era a orientação política do então, e ainda só, golpe militar. Mas à medida que o tempo passava e que os objectivos do golpe se iam tornando mais claros, as dúvidas e os receios foram sendo substituídos pela alegria e pelo alívio que sentimos ao sabermos que aquela guerra estúpida e cruel ia acabar dentro de pouco tempo.

Naquele mesmo dia, e porque trabalhava na secção de informações e operações de uma Companhia instalada no mato, vim a saber que, se o

golpe falhasse, a Guiné seria o refúgio para todos os militares envolvidos no mesmo. Aliás, chegou a estar prevista uma operação de avanço do Batalhão a que pertencia rumo a Bissau para defender, se necessário fosse, a Revolução naquela antiga colónia.

Mas isso seria uma operação muito arriscada, porque a única maneira de chegar a Bissau era percorrer grande parte do centro da Guiné, o qual já estava nas mãos do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde). Se este não soubesse do que se estava a passar poderia facilmente atacar a coluna e assim, sem querer, fazer o jogo do inimigo.

Mas felizmente isso não foi necessário, porque a Revolução acabou por vencer e libertar o povo português e os seus irmãos de África do jugo do fascismo e do colonialismo.»

Miguel Matos (5º PO)

Quanto aos cravos...

Despertei para a alegria ao meio dia de Bruxelas dessa quinta-feira de Abril de 74.

Entre a preparação da aula de Filosofia dessa tarde na ULB, a saudade dum país adiado e a angústia dum filho apátrida, o noticiário das 12, na RTBF, trouxe de súbito o espanto, a dúvida, a esperança: *Coup d'État au Portugal! À une heure du matin...* continuava o locutor com grande entusiasmo.

Olhámo-nos, mudos de incredulidade, e comovido foi o silêncio de lágrimas que se seguiu.

Seria possível? Seria mesmo possível?

Creio que nessa tarde não fomos às aulas.

Lembro-me de que a Madame Castelain, que generosamente dava emprego, no *nettoyage de bureaux*, a quanto exilado político passava por Bruxelas, veio visitar-nos ao fim do dia à *Maison du Bois*, na *Rue Royale*, onde cumpríamos tarefa, de transistor colado ao ouvido na ânsia de saber se Marcelo já caíra realmente.

Recordo ainda a impotência do telefone que não encurtava distâncias nem saciava a fome de tanto mar porque tão pouco era tudo o que nos diziam do lado da esperança.

Sei que, com outros companheiros de exílio, passeámos pelas ruas adormecidas da cidade até altas horas numa vigília insone depois da surpresa das imagens do *JT dernier* que nos falavam de cravos na boca das espingardas, de ruas inundadas de gente e de cantigas, de flores e de solidariedade.

Em Bruxelas, éramos jovens, muitos, e amávamos o azul dos dias lá longe, mas não podíamos acreditar!

Não podíamos acreditar que a saudade iria ser, a partir de então, da Bruxelas do nosso exílio, da Bruxelas do nosso amor doente por esse país-pássaro-de-arribação que também nós fôramos.

Não podíamos acreditar que a saudade iria ser desse tempo em que a nossa fantasia imaginava todas as revoluções excepto a única que era deveras real e nos entrava então pela porta dentro sem que déssemos conta: a *Revolução dos Cravos*! Pacífica! Poética! Portuguesa!

Devo à Bélgica essa hora única de saber a esperança. Quanto aos cravos, deixo a maior braçada aos *Capitães de Sonhos* que sondaram a utopia para criar o real. Outro.

Testemunho de Maria Manuel Pinto Gandra



Opinião sobre o 25 de Abril

Em minha opinião, se não tivesse havido o *25 de Abril*, Portugal estaria exactamente como está hoje. Se não fosse no dia 25 de Abril de 1974 seria noutro dia qualquer. Mais cedo ou mais tarde tinha de se dar uma revolução (ou uma evolução lenta) em Portugal, visto que o nosso país não podia continuar como estava.

Como eu ainda não era viva na altura, não posso ter uma visão muito clara, fazer a distinção entre o período pré e pós-revolução, mas imagino que deve ter sido e, segundo todas as pessoas que viveram esta transição, a maior tortura de sempre.

A maior tortura de sempre, devido ao regime salazarista/marcelista, que construiu um país onde quer a liberdade de expressão, quer a liberdade de pensamento não existiam.

Como escreveu o exilado Jorge de Sena, em 1956, quase era crime viver, o que é uma situação mesmo muito chocante. Embora Salazar quisesse toda a gente cega e muda, o desejo das pessoas era morrer sabendo a cor da liberdade.

Qualquer facto que se dê na História não pode ser experimentado como as experiências científicas, em que, se não der resultado, ainda há a possibilidade de voltar atrás. Quando um facto histórico ocorre, não se pode voltar atrás, está acontecido e já nada pode ser modificado e, neste caso, mudámos muito e para melhor.

E não estaríamos aqui se não fosse aquela madrugada de 25 de Abril de 1974 ou outra madrugada qualquer.

Inês Sã Nabais (5º PO)



Populares a caminho do Largo do Carmo - 25.04.1974
Fotografia de Alberto Gouveia; Fototeca do GAI/PCM



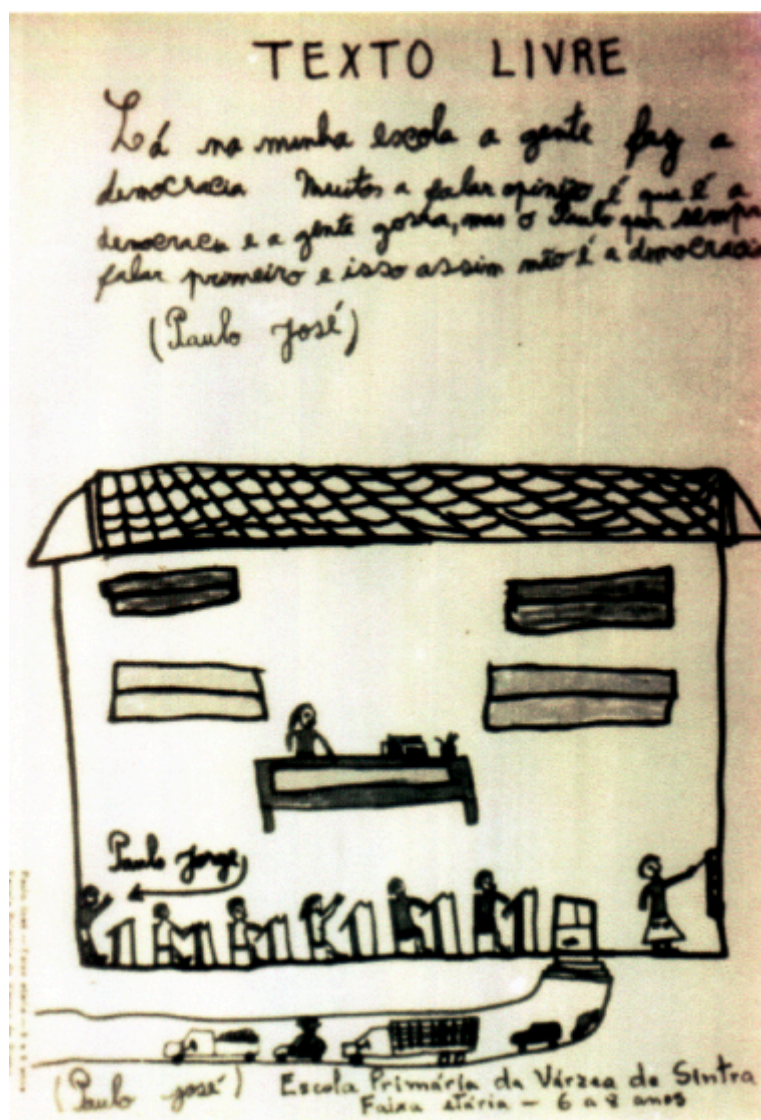
Libertação dos presos políticos de Caxias - 26.04.1974
Arquivo Fotográfico da Associação 25 de Abril



Descida da Bandeira Portuguesa em S. Tomé e Príncipe - 12.07.1975
Fotografia de Chalbert; Fototeca do GAI/PCM



Hastear da Bandeira de S. Tomé e Príncipe - 12.07.1975
Fotografia de Chalbert; Fototeca do GAI/PCM



Introdução de novos métodos pedagógicos.

No período de 1974-1976, assiste-se a um conjunto de mudanças profundas no sistema escolar.

1978 - Concurso Nacional Escolar "Liberdade e Democracia"

25 de Abril ou a Revolução dos Cravos

Revolução que, em 1974, derrubou o regime autoritário concebido por Salazar, pondo fim a quarenta anos de ditadura e abrindo o caminho para a democracia em Portugal.

A solução acabou por vir do lado de quem fazia a guerra: os militares. No ano de 1973, um dos mais mortíferos da guerra colonial, nascia uma conspiração de oficiais de patente intermédia, descontentes com a duração e as condições do conflito. Começava o *Movimento dos Capitães*, depois designado por *Movimento das Forças Armadas* (MFA). Este Movimento politizou-se rapidamente, concluindo pela inevitabilidade do derrube do Regime em Portugal para se poder chegar à paz em África.

Depois de um golpe falhado nas Caldas da Rainha (16 de Março), em que não teve intervenção, o MFA decidiu avançar: o Major Otelo Saraiva de Carvalho elaborou o plano militar e, na madrugada de 25 de Abril, a operação *Fim-Regime* tomou conta dos pontos estratégicos da cidade de Lisboa, em especial do aeroporto, da Rádio e da Televisão. Lideradas pelo Capitão Salgueiro Maia, as forças revoltosas cercaram e tomaram o Quartel do Carmo, onde se refugiara o Chefe do Governo, Marcelo Caetano.

Rapidamente, o golpe de Estado militar foi aclamado nas ruas pela população portuguesa, cansada da guerra e da ditadura, transformando-se o Movimento numa imensa explosão social e numa revolução pacífica, que ficou conhecida no estrangeiro como *Revolução dos Cravos*.

Afastados os principais responsáveis do Regime, seguiu-se a libertação dos presos políticos e o fim da censura sobre a Imprensa. Regressaram a Portugal inúmeros exilados políticos.

Além disso, tomando como interlocutores os anteriores adversários de armas e reconhecendo a sua legitimidade, os primeiros governos provisórios aceleraram o ritmo da descolonização, facto que veio a tornar-se uma das maiores polémicas da sociedade portuguesa do pós-25 de Abril. A pressa de resolver a situação militar no terreno, a pressão internacional para a autodeterminação das antigas colónias e a própria evolução dos

acontecimentos em Portugal ajudam a explicar uma entrega rápida dos territórios africanos: Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique e, finalmente, Angola tornavam-se independentes entre 1974 e 1975. Começava o regresso e a integração em Portugal de cerca de 500 000 *retornados*, um dos mais importantes fenómenos sociais da nossa História.

A par de viabilizarem as reivindicações democráticas contidas no programa inicial — com a realização, a 25 de Abril de 1975, de eleições livres para a Assembleia Constituinte —, os poderes civil e militar em exercício nortearam-se cada vez mais por um socialismo económico e social. Acabava-se o ciclo dos governos provisórios e entrava-se numa via de normalização democrática. As dificuldades económicas e os problemas sociais iriam caracterizar a vida do novo Regime. Mas também a liberdade, tornando-se o *25 de Abril* o seu símbolo por excelência.

António Quina (4º PO)

25 de Abril

A Revolução de 25 de Abril ocorreu no ano de 1974. Ficou conhecida como a *Revolução dos Cravos*, pois nesse dia os soldados e as pessoas em geral decidiram distribuir cravos.

O regime político português era considerado como sendo uma ditadura, e por isso mesmo Portugal encontrava-se isolado do resto da Europa. Por essa razão, pelo descontentamento geral e pela guerra colonial, um grupo de militares decidiu instaurar a democracia em Portugal. Esses militares ficaram conhecidos pelos *Capitães de Abril*.

Inês Abrunhosa (4º PO)

O 25 de Abril

Também denominada *Revolução dos Cravos*, a Revolução do 25 de Abril decretou o fim da ditadura do Estado Novo.

A Revolução foi pensada, programada e levada a cabo por um grupo de militares descontentes com o Regime e a situação militar resultante da guerra colonial.

Estes militares, na sua maioria capitães, uniram-se no chamado *Movimento das Forças Armadas (MFA)* e, na madrugada do dia 25 de Abril, tomaram os principais pontos estratégicos da capital. Na tarde desse mesmo dia, o Presidente do Conselho, Marcelo Caetano, rendeu-se no Quartel do Carmo, cercado pelos carros de combate do Capitão Salgueiro Maia.

A população apoiou desde o primeiro minuto o MFA, facto que se tornou decisivo para a vitória do Movimento. O povo percebeu que os capitães tinham a vontade de restaurar liberdades há muito tempo perdidas e enterrar um Regime podre e caduco.

Com a *Revolução dos Cravos* regressam as liberdades de opinião, de expressão e de Imprensa. Fala-se sem medo de ser punido por aquilo que se diz e pensa.

Antonio Guerreiro (5º PO)

O 25 de Abril

O *25 de Abril* foi um dia muito importante na História de Portugal, pois foi a queda do Regime fascista e o início de um Regime democrático. Foi uma revolução militar que permitiu a liberdade de expressão dos Portugueses.

Muitos dos presos políticos eram pessoas importantes, que foram presas devido às suas ideias e que após a Revolução foram libertadas num ambiente de euforia e de emoção.

O *25 de Abril* simboliza a liberdade e a paz, pois conta-se que nesse dia uma florista ofereceu cravos às pessoas para comemorar a Revolução.

Muitas pessoas saíram de suas casas apesar do aviso da Rádio, para felicitar os militares pela sua coragem e pelo medo e cautela para que não houvesse mortos. É conhecida mundialmente, porque foi uma revolução sem mortos.

O *25 de Abril* foi uma revolução que afectou os jovens portugueses, pois evitou que combatessem na guerra colonial.

A Revolução começou na madrugada de 25 de Abril com a canção *Grândola, Vila Morena*, que nessa altura era proibida pelo governo, o que mostra a vontade dos Portugueses para fazer a revolução.

Carlos Antunes (4º PO)

25 de Abril de 1974

Portugal viveu numa ditadura durante quase 50 anos. Em meados da década de 60 surge a questão colonial, que viria a ser o maior obstáculo à continuação da ditadura.

Portugal esforçar-se-ia durante anos por defender o seu Império, mas *frentes* de guerrilha abriam-se nas várias colónias. Para Salazar, essas colónias eram parte integrante da comunidade nacional multi-racial e multicontinental, e ele recusou-se a qualquer concessão ou negociação quanto à sua administração. As guerras coloniais, que provocaram milhares de mortos e feridos, estariam na origem da contestação militar dos *Capitães de Abril*, que criaram o *Movimento das Forças Armadas (MFA)* que derrubou o Regime no dia 25 de Abril de 1974.

As intenções dos *Capitães de Abril* foram restabelecer a liberdade de pensamento e de expressão, o reconhecimento dos partidos políticos e a realização de eleições, e fazer estabelecer negociações com os movimentos de independência das colónias. No fundo, tratava-se de criar os mecanismos de funcionamento de um Estado de direito democrático.

Inês Bacelar (5º PO)

25 de Abril

Moçambique antes do 25 de Abril

«Embora se fale muito na repressão vivida antes da Revolução dos Cravos, nos territórios do Ultramar esse clima não era sentido. Em Moçambique, por exemplo, a população, no geral, vivia uma vida extremamente calma, passiva e de boa qualidade.

Os jovens tinham bastantes oportunidades de se divertirem e de passear, e nunca sentiam a necessidade de fugir à repressão, à censura e a perseguições. Talvez se devesse ao facto de não estarem muito relacionados com a política. No meio estudantil da altura, a política era algo muito pouco abordado. As pessoas não eram constantemente bombardeadas com assuntos políticos. Os estudantes, além de terem menos permissividade no que diz respeito à educação, obedeciam a todas as normas que o governo estabelecia, sem que houvesse, como agora, movimentos estudantis que se manifestassem contra normas pré-estabelecidas. À parte isso, levavam uma vida perfeitamente normal.

Moçambique no 25 de Abril

A notícia de uma revolução chegou a Moçambique pouco tempo depois do acontecimento. Soube-se, através da rádio, dos jornais e de outros órgãos de comunicação, que tinha havido uma revolução com milhares de soldados nas ruas, mas não se sabia ao certo o quê e como se estava a passar realmente. O acesso à informação não era muito bom e as únicas imagens que se tinham vinham através dos jornais. Não se recebiam notícias ao vivo e a imagem não era tão imediata como é nos dias de hoje.

Falava-se do assunto nos cafés. Passava-se informação à medida que se iam tendo notícias dos familiares e conhecidos em Portugal. Não havia grande euforia e entusiasmo, porque não se sabia quais os benefícios que poderiam ou não surgir. As pessoas questionavam-se sobre o que seria o futuro. No entanto, continuavam a levar uma vida normal.

Consequências do 25 de Abril

O 25 de Abril deu origem à independência das colónias. O poder foi entregue a quem não estava preparado para recebê-lo. Começou a haver uma instabilidade muito grande a nível de segurança, pois ninguém estava pronto para enfrentar uma reviravolta tão repentina. Nas empresas, pessoas que tinham determinados cargos eram destituídas e substituídas por

peças que não tinham competência para exercer tais funções. O povo foi armado e sentiu-se com força para lutar pelo poder.

Começou a haver perseguições políticas e raciais. Sentia-se uma espécie de vingança da parte do povo, que tinha ouvido que fora usado durante séculos. Assim, procuravam todos os portugueses e matavam crianças, mulheres grávidas, pessoas de idade... Era o massacre total. Arrombavam casas e matavam famílias inteiras só por uma questão racista. Por vezes, sem razão nenhuma, havia denúncias e as pessoas eram perseguidas, presas e maltratadas nas prisões.

Os portugueses, por uma questão de segurança, começaram a arriscar e a fugir para Portugal. Partiam sem nada, muitos apenas com a roupa do corpo, pois eram impedidos de levar consigo os seus bens. Apesar de saberem que Portugal se encontrava economicamente devastado e de não saberem o que os esperava, sabiam que aí estariam salvos dos massacres racistas.

Ao chegarem a Portugal, encontraram o país num caos. Reinava a confusão geral. Havia milhares de famílias vindas de África, refugiadas das chacinas que por lá se viviam, completamente desmembradas. Ao chegarem, depararam com um desastre financeiro e com uma desorganização política muito grande. O desemprego atingia uma escala bastante elevada e originou problemas de droga, roubos e fome.

Com este ambiente vivido em Portugal de uma situação desastrosa, foi difícil uma integração dos recém-chegados, até porque tinham hábitos e costumes de algum modo diferentes.

Passados vinte e cinco anos, os mesmos refugiados de uma África em crise reconstituíram família. Alguns encontraram os entes perdidos, outros fizeram nascer novas gerações com família aos poucos descoberta. Depois de todo este tempo, há ainda muitos portugueses com esperança de voltarem um dia à sua terra natal. Outros preferem viver as boas recordações do passado e tentar evitar uma desilusão no presente...»

25 de Abril - A Revolução

A *Revolução de 25 de Abril de 1974* é um dos acontecimentos mais importantes da História de Portugal. Portugal viu-se livre da ditadura de Salazar e de Marcelo Caetano, que durou desde 26 de Maio 1926, ou seja, 48 anos.

Um grupo de militares, constituído principalmente por capitães, estando descontentes, achou que era melhor pôr fim a esta situação. Decidiram desencadear a acção na madrugada do dia 25 de Abril. O início deu-se após a transmissão na rádio de duas canções: *Depois do Adeus* e *Grândola, Vila Morena*, cantadas por Paulo de Carvalho e Zeca Afonso. Foram a senha que desencadeou toda a operação.

Em Lisboa, os principais pontos estratégicos, como a Televisão, a Rádio, o aeroporto, os principais quartéis militares, as ruas, foram tomados pelas Forças Armadas. Os militares fizeram um comunicado à população, aconselhando-a a ter calma e a manter-se em casa, a fim de não haver conflitos, ao mesmo tempo que diziam que o seu objectivo era apenas devolver a liberdade aos portugueses. Mas a população, mal nasceu o dia, veio em grande número para as ruas, em Lisboa e em todo o país, para apoiar os militares que já discutiam com o governo a sua rendição.

Com o grande apoio da população, as coisas tornaram-se mais fáceis. Os soldados, na rua, misturavam-se com as pessoas e festejavam com alegria. As suas espingardas mantiveram-se silenciosas e foram enfeitadas com cravos vermelhos. A Revolução foi uma festa. O governo de Marcelo

Caetano rendeu-se e o Presidente da República, Américo Tomás, também se rendeu.

Estava estabelecido o regime democrático em Portugal. A polícia política, PIDE, foi imediatamente extinta, os presos políticos foram libertados e a guerra colonial foi logo considerada injusta. Os portugueses que se refugiavam no estrangeiro voltaram a Portugal. Foi o caso de Mário Soares e Álvaro Cunhal.

Poucos dias depois, comemorava-se o dia dos trabalhadores, que antes era proibido festejar. O povo comemorou-o com muita alegria. Logo se formaram os partidos políticos, que também eram proibidos. A Assembleia da República começou a fazer as leis democráticas, ou seja, a nova Constituição. O Presidente da República, o governo e todas as instituições políticas passaram a ser directamente escolhidas pelo povo. Portugal voltou a ser um país democrático e livre.

Luís Miguel Miranda (4º PO)

Portugal vivia há 40 anos adormecido para o mundo.

O seu regime político, governado por António Salazar, depois seguido de Marcelo Caetano, era uma ditadura. Durante 40 anos as pessoas não tiveram liberdade de expressão, a censura estava sempre presente em tudo que pudesse de algum modo manifestar desacordo com o Regime, como a Imprensa, o teatro, a literatura, o cinema, etc. Também as notícias do mundo eram censuradas, evitando assim que o povo despertasse para outras realidades políticas.

Mesmo assim, muitos tinham consciência de que não era possível continuar daquela forma. Perseguidos e muitas vezes presos pela PIDE, lutavam contra o Regime, levando a sua palavra aos menos esclarecidos. Torturados e mesmo exilados, não desistiam. Muitos houve que ficaram pelo caminho, mortos pela polícia política, como por exemplo o General Humberto Delgado.

Na madrugada do dia 25 de Abril, os militares — e só eles o podiam fazer — saíram das suas unidades e obrigaram o regime a render-se. Apoderaram-se da Televisão, da Rádio, da sede da polícia militar e de todos os lugares importantes para o Governo. Aconselhando o povo a manter a calma e a ficar nas suas casas, cercaram o Quartel do Carmo, onde Marcelo Caetano se tinha refugiado, e obrigaram-no a entregar-se. Foi o fim do regime ditatorial.

O povo depressa se apercebeu do que estava a acontecer e saiu às ruas, aplaudindo os militares e gritando: *Liberdade! Liberdade!* Foi a *Revolução do 25 de Abril*, também chamada a *Revolução dos Cravos*, por ter sido uma revolução sem mortes.

Tudo aquilo de que estivemos privados durante 40 anos tornava-se agora possível: podíamos livremente manifestar as nossas opiniões, ler e escrever o que quiséssemos, ver e ouvir o que desejássemos e, sobretudo, acabavam-se os presos políticos.

O 25 de Abril, que este ano comemora os seus 25 anos, foi a passagem de um regime fascista para a democracia. Um marco na História de Portugal.

Diogo Monteiro (4º PO)

25 de Abril

O 25 de Abril foi importantíssimo, porque Portugal deixou de ser um Estado corporativo para voltar a ser uma democracia; também as colónias portuguesas, à excepção de Macau, foram entregues aos naturais que as exigiam, tornando-se, assim, países independentes. E acabou a guerra do ultramar... o povo ficou satisfeito e feliz.

A nossa paz e prosperidade começaram a ser destruídas em 1961, com a ocupação do Estado Português da Índia e o aparecimento do terrorismo na Guiné, Angola e Moçambique, que desencadeou a guerra do ultramar, prolongada até 1974.

Em 1968, o Dr. Oliveira Salazar sofreu um acidente (de que viria a morrer 2 anos mais tarde) e é substituído pelo Professor Marcelo Caetano, que procurou, sem êxito, renovar a política do seu antecessor.

Então, um grupo de capitães, apoiado por alguns oficiais-generais, descontentes com a nossa situação política e militar, preparou uma revolução que rebentou no dia 25 de Abril de 1974 e teve o efeito desejado: Portugal voltou a ser uma democracia; as colónias portuguesas passaram a ser países independentes, apesar de Timor ter sido invadido pela República da Indonésia, com a indignação dos indígenas, fiéis a Portugal, depois do nosso exército ter abandonado a ilha.

Os presidentes de Portugal depois da revolução foram, até agora, sucessivamente os generais António de Spínola, Costa Gomes e Ramalho Eanes, o Dr. Mário Soares e Jorge Sampaio.

Bruno Miguel Pereira de Castro (3º PO)

O 25 de Abril segundo a geração dos anos 60

O *25 de Abril de 1974* representou uma mudança benéfica no nosso país, cujos reflexos se vieram a fazer sentir, e ainda se fazem sentir, em todos os domínios da sociedade portuguesa.

Os protagonistas do golpe militar do 25 de Abril, que depôs o governo e o *status* existente na altura, que ia para além do fim do conflito que Portugal mantinha nas suas colónias, anteviam uma evolução do país no sentido em que o programa do MFA apontava e constituía essencialmente as bases de um novo Regime. Esse novo Regime era baseado nos seguintes pontos: Liberdade, Democracia e Igualdade Social. Estes princípios são no seu essencial idênticos aos enunciados pelos idealistas da Revolução Francesa. Encurtando o tempo histórico, eles assemelham-se aos apresentados pelas ideologos republicanos e pelo Movimento Socialista, cuja expressão mais conhecida se deu em Maio de 1968.

A mudança que o *25 de Abril* provocou na sociedade portuguesa teve, para além das melhorias acentuadas do bem-estar social e material, o seu aspecto mais positivo no que diz respeito à liberdade de divulgação, elaboração e circulação de ideias.

O *25 de Abril* e as suas consequências não deixam contudo de ser um tema ainda hoje aberto e sujeito a mais opiniões, pois é exactamente por causa da liberdade que nos foi concedida que nos é permitido descobrir novos factos e cada vez haver mais dúvidas, se houve uma ou mais revoluções, do que é hoje considerada a maior revolução em Portugal, mas a menos contraditória, pelo facto de ter existido um enorme apoio e não haver uma voz de ordem, mas sim a voz do povo e dos soldados, contra o Regime e o governo de Salazar.

Filipe Campos (6º PO)

Contracapa:

